

PRISMA



REVISTA DE FILOSOFIA CIÊNCIA E ARTE

DIRECTOR:
AARÃO DE LACERDA

SUMÁRIO:

DAS ORIGENS DO ENSINO PÚBLICO EM GUIMARÃIS	A. L. DE CARVALHO
O ROMANCE DUM FIO DE ÁGUA	NARCISO DE AZEVEDO
O MAR! (Versos)	LUIZ AUGUSTO
O POETA BOCAGE	ALFREDO ALVES DA CRUZ
CLÁUDIO CARNEIRO	CARLOS MANUEL RAMOS
I—A FONTE DO DESERTO (Versos)	} ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA
II—A ESTRELA DO NATAL (Versos)	
III—A «PRIMEIRA PEDRA» (Versos)	
ARNALDO RESSANO E A SUA EXPOSIÇÃO EM PARIS	JULIETA FERRÃO
CLAMOR DA TERRA	CONDE DE AURORA
A MULHER IMPERFEITA	FRANCISCO PEREIRA DE SEQUEIRA
CARICATURISTAS PORTUGUESES	ALBERTO MEIRA

DESENHOS de LUIZ FELIPE (nas págs. 18 e 53)

CAPA de AUGUSTO GOMES

GRAVURAS de MARQUES ABREU

PRISMA

REVISTA DE FILOSOFIA, CIÊNCIA E ARTE
PUBLICAM-SE QUATRO NÚMEROS POR ANO

DIRECTOR:

AARÃO DE LACERDA

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Praça da República, 197—PÔRTO

EDITOR:

ALEXANDRE COELHO

DEPOSITÁRIO: DOMINGOS BARREIRA

LIVRARIA SIMÕES LOPES—Rua do Almada, 123—PÔRTO

Composta e impressa na IMPRENSA MODERNA, LIMITADA—Rua da Fábrica, 80—PÔRTO

Esta revista será enviada aos senhores assinantes contra reembolso, ao preço de cinco escudos.

IMPRENSA MODERNA, L.^{DA}

==
**TIPOGRAFIA e
ENCADERNAÇÃO**
==

RUA DA FÁBRICA, 80

TELEFONE, 883

P O R T O

EXCETO LEGAL
ABR. 1939



DAS ORIGENS DO ENSINO PÚBLICO EM GUIMARÃIS

SEM letras e sem saber, será ousança dar-me à tarefa de rebuscar e pôr em narrativa histórica os fundamentos das primeiras cátedras do ensino em terras de Guimarães. Mas o estudo, por sua valia, tenta-me. Busquemos, pois, na bruma dos séculos e na poeira dos arquivos, os materiais indispensáveis ao magno assunto.

O alfobre primário, aquêlo onde brotou, como flor de maravilha, a crisálida dos primeiros estudos escolásticos em Guimarães, foi — a Colegiada. É das raízes do vetusto Mosteiro de Mumadona transformado em Colegiada, no século XII, pelo 1.º rei de Portugal, e estatuída com regra no século XIII, por D. Diniz (1), que surge êsse remoto precursor do ensino vimaranense — o cónego Magíster.

O lastro livresco onde, como pianha doirada, assenta êste doutoral das letras, é a venerável biblioteca de Mumadona, legada ao seu convento no ano remoto de 959.

“A Biblioteca de Mumadona... compunha-se de vinte códices, nos quais se compreendiam cêrca de trinta-e-uma obras diferentes.” (2). À parte os calhamaços dos psaltérios, antifonários e cantochão, ali se arrumavam livros da história eclesiástica, da vida dos Santos, tratados de moral, ciência etimológica e outros; o que “para uma época em que muitas comunidades religiosas tinham apenas um Missal — escreveu um douto Professor — semelhante núcleo pode considerar-se opulento.” (3).

Quando, porém, no século XIII, surge no seio da Colegiada, o seu cónego Magíster, grave, circunspecto, de livro na dextra, já o reservatório livresco desta corporação sacra havia acrescido, como se deduz dos seus inventários coevos.

E o Mestre insigne, “lia, comentava ou glosava; e o estudante decorava e exhibia nas **disputationes** regulamentares ou livres, a sua argúcia e subtileza na compreensão. A ciência medieval foi uma ciência livresca.” (4).

(1) *História Genealógica da Casa Real Portuguesa* — Provas do L.º 2.º, pág. 66.

(2) Dr. Joaquim de Carvalho — *História da Literatura Portuguesa* — F. 2.º e 3.º.

(3) *Vimaranis Monumenta Historica* — P. 1.ª, pág. 9, Doc. IX.

(4) Dr. Joaquim de Carvalho, ob. cit.

Razão por que eu entendi dever focar a importância do fundo livresco da Colegiada, para melhor aquilatar-se até onde podia ir a sapiência dos mestres — embora, pela natureza do primeiro ensino, não houvesse necessidade em deitar, como é uso dizer-se, a livraria abaixo.

“Nos estatutos dados por el-rei D. Diniz, em 1291, à insigne Colegiada de N. S. da Oliveira... determina-se que haja ali, sempre, um mestre de estudos que ensine gramática,, (1).

A êste ensino da gramática um outro se lhe seguiu, de onde se pode inferir êste programa de estudos:

- a) Gramática latina;
- b) Teologia Moral;
- c) Cantochoão.

Ignoro quem foi o primeiro Mestre-Escola da Colegiada de Guimarães. Não importa. Saiba-se, entretanto, que um dos mestres mais ilustres dessa cátedra, foi Paio Galvão, o notável vimaranense do século XIII, que alcançou a púrpura de Cardial.

Conta-se, por êste modo, a sua investidura no Mestre-escolado da Colegiada:

“Mestre Dom Payo Galvão era chegado ao seu mosteiro da Costa,, Pedro Amarelo, D. Prior da Colegiada, foi ali “dar-lhe as boas-vindas e, juntamente, a oferecer-lhe a dignidade de Mestre-escola, que estava vaga por morte de Dom Vasco Vivaz, que êle, com licença do seu Prelado, aceitou de boamente, e na claustro daquela Real Colegiada leu Teologia Moral...,, (2)

Já talvez por essa altura a Colegiada de Guimarães apresentava em dignitários o seguinte quadro:

1 D. Prior, 30 Cónegos prebendados, 25 Clérigos de côro, 1 Chantre, 1 Tesoureiro e 1 Mestre-Escola.

Êste ónus de ensino, contudo, careceu de ser regulado para efeito de remuneração; e, para isso, história um monografista vimaranense, resolveu o cenáculo dos Senhores Cónegos *“se pedisse a S. Santidade a primeira prebenda que vagasse; e, que enquanto não vagasse, se retirasse de tôdas as mais uma porção para o leitor da dita gramática, do que resultou haver a Conezia Magistral; e por não querer ocupar seu sucessor a ler Moral, dá uma porção aos religiosos de S. Domingos para elegerem um padre que a venha dar na Capela de S. Pedro, situada nos claustros da Colegiada,, (3).*

Padre Torquato de Azevedo, arrematando, diz que *“esta escola se ordenou em tempo de el-rei D. Sancho II,, (?)*.

(1) Fortunato de Almeida — *História da Igreja em Portugal* — L.º 1.º, pág. 559: «Districte precipimus, quod in vestra ecclesia semper sit unus magister qui studium regat, in gramatica...»

(2) Cónego Gaspar Estaço — *Antiguidades de Portugal* — pág. 220.

(3) *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães* — pág. 229.

Por êste modo dividida a tarefa do ensino e melhorados os honorários, o curso prosseguiu. Foi pelo ano de 1439 que o Papa Eugénio IV, fundando-se em disposições do seu antecessor, o Papa Martinho V, sôbre a supressão de algumas conezias que vagassem na Colegiada, "*determina que uma delas se aplique com seus rendimentos a favor de um Presbítero idôneo que instrua nas gramáticas e canto os meninos que servem nas missas e outros officios divinos da mesma igreja.*" (1).

Confirmam a execução desta letra apostólica, os termos capitulares da sentença proferida pela Câmara Eclesiástica: "*... por o dito Senhor Padre Santo hera a mim mandado que eu unice e anexace ao dito Mestre Eschollado da dita Igreja de Guimarães hũa das conezias com sua prebenda que em ella por qualquer guiza vagace por morte ou por cessom ou qualquer outro modo e algum dos conegos della que por o dito João de Rezende... para elle fosse acceptada e Respondão e fassão Responder com as rendas e frutos della ao dito João de Rezende Mestre Escholla e aos seus sucessores q̃. o dito officio em a dita Igreja depos elle tiverem . . .*" (2).

Decorridos quarenta-e-oito anos sôbre esta deliberação, reúne o Cabido "*dentro no côro . . . por som e voz de campa tangida.*" para apreciar a situação do Cónego Mestre Lourenço Afonso de Andrade.

E "*por elles foi dito que na verdade ele dito Protonotario Mestre Escola era obrigado pela criação do dito seu Mestre Escolado de ensinar os Mossos do choro da dita Igreja de gramatica e canto; e que sentindo eles por serviço de deos e da dita Igreja e para ela melhor ser servida, a eles todos aprazia e querião que o dito Protonotario e Mestre Escola, pela obrigação em que a si era da qual eles ditos Dignidades e conigos como Cabido o desobrigavão em sua vida e mais nom por esta guisa scillicet, q̃. ele dê em cada um ano mil e duzentos reis a quatro Moços do coro que servão a dita Igreja continuamente scillicet dois cada somana e a todellas festas principais todos coatro juntos, os quais Moços do coro poerã o chantre e os mais idonios que ele achar para dizerem os Responssetes segundo os tempos que correrem pelo ano e asy os versos e darem as anti-fonas e dizerem as orações dos finados, os quais mil e duzentos reis o dito Protonotario pagara ás tersas do ano ou no cabo do ano, como ele antes quizer, em maneira que os ditos coatro Moços do choro sejam pagos e acertando-se que hy nom haja mais Mossos do choro que dois . . . e trezentos reis a cada um acertandoce de passarem de quatro moços.*" (3).

Em resumo: Vê-se desta acta do Cabido, que êste deliberou, em 1488, desobrigar o Mestre-Escola, "*em sua vida e mais nom.*", do encargo de ensinar

(1) P.^o Torquato de Azevedo — *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães* — pág. 121.

(2) *Arquivo Municipal* — L.^o 1.^o dos Padroados da Colegiada, fls. 51 a 56 v.^o.

(3) *Arquivo Municipal* — L.^o 1.^o dos Padroados da Colegiada, fl. 58.

gramática latina e cantochão aos *moços do côro*, transferindo para o mesmo o pagamento dos referidos moços e uma melhor observância daqueles serviços da igreja que a estes eram inerentes.

Assim, por livre arbítrio dos senhores cônegos, desaparecia o encargo do ensino para o Mestre-Escola João de Rezende.

Em 1624, noutra reunião do Cabido, discute-se na presença do leitor de Moral, o Licenciado João do Vale de Azeredo, sôbre se devia ou não contar-lhe o serviço. Ao que o aludido leitor de Moral se opusera, formulando o seguinte requerimento:

“Hoje com ajuda de Nosso Senhor começo de ler casos nesta Colegiada Insigne pelo que advirto a vossas merces para que por minha conta se não fação gastos e do contrario portesto que hã de ser a conta de vossas merces.”

E, prosseguindo, o escrivão do Cabido, Miguel do Soveral, foi escrevendo:

*“Os cónigos que têm em suas Igrejas (encargos de ensino) são desobrigados do serviço delas conforme a hũa graça do Santissimo Gregorio decimo tertio

 pela qual rezão sou escuso de ir a Igreja nos dias em q̃. ler e hoje que começo não vou a ela e peço a vossas merces me mandem contar com portestação de me restituirem todos os meus dias que ler, não me contando com custas perdas e danos porque portesto, para o que requeiro ao escrivão da Mesa que intime a vossas merces este Req.^{to} q̃. faço e da resposta que me derem me paze minha certidão. João do Valle de Azeredo (licenciado).”*

A êste requerimento, o Cabido respondeu:

“Conta aos beneficiados conforme a seus estatutos e costume antigo e posse imemorial em que está e quando o suplicante se sentir agravado poderão obrigalo como lhe parecer e entender”

O licenciado Azeredo apelou para a Auditoria Eclesiástica de Braga, a qual lhe dá *verdictum* favorável, mandando-lhe contar os dias em que ler *“polla menham como a tarde . . . porque com a obrigação de ler Theologia Moral, está mais agravado que as outras prebendas e benefícos da mesma Colegiada.”* (1).

Não se conformam os do Cabido com a sentença, e levam recurso para mais altas instâncias, vindo por fim a desistir o mestre leitor, em 1628.

Preocupado o Cabido mais com as benesses, com as conezias, do que com o prestígio da cátedra, é de supor que o ensino não produzisse, não fôsse frutuoso.

(1) *Arquivo Municipal* — L.^o 2.^o dos Padroados da Colegiada, fl. 78.

Em 1639, porque o lugar de mestre fôsse muito disputado, o Cabido deliberou proceder à eleição do novo Cónego Magíster, fazendo a convocação por *som de campa tangida*.

Da acta de apuramento, vê-se êste resultado: "*Pedro do Canto tres || Gaspar de Freitas dois || Valladares nove || Bento da Costa coatro || Por este acertado escrutinio que se fes na opposição da conezia Magistral ficou elleito Miguel de Valladares,*" (1).

Mais tarde, no século XVIII, um outro cónego da Insigne Colegiada, procurando citar, como título de glória, a vèlha cátedra do ensino na Colegiada vimaranense, exclama ufano:

"*Tão antigo he nesta Villa o estudo da lingua Latina, que precede em tempo as escolas de Coimbra e Lisboa, ordenadas por El Rey Dom Diniz, filho de El Rey Dom Affonso . . . em cujo tempo isto foy,*" (2).



CONVENTO DA COSTA — Igreja

(Fot. de Aarão de Lacerda)

Por sua vèz, outras escolas surgiam.

Os conventos dos frades de S. Francisco e S. Domingos, erigidos

entre nós, conclui-se da sua história que também destinavam um dos seus monges ao exercício do ensino.

O autor da *História Seráfica dos Frades Menores da Província de Portugal*, refere-se a êste ensino, por êste modo:

"*. . . Mais de duas centurias de anos tivemos escolas publicas, nas quais se lia gramatica e casos de consciencia, sem ordenado, estipendio ou*

(1) Arquivo Municipal — L.º 2.º dos Padroados da Colegiada, fl. 94.

(2) Cónego Gaspar Estaço, ob. cit.

premio, senão só proveito dos discipulos. Eram aulas nesse tempo neste terceiro convento hūas casas com porta pera o adro, em que hoje se vê a enfermaria e delas falava a escritura do ano de 1553,, (1).

Esclarece Fr. da Piedade — que “o mestre era chamado Doutor, não pelo grau de ciencia, mas por rezão do officio que tinha de ensinar,,.

Como testemunho da existência desta escola conventual, diz-nos o mesmo citado autor: “Nesta escola ouviu as primeiras letras aquele Frei Afonso de Guimarães, o qual sendo já doutor ou lente no convento de Coimbra, assistiu na aclamação felice del Rey D. João 1.º,, (2).

É pois evidente que, atrás do «Cónego Mestre-Escola» da Colegiada, se seguiu o «Padre-Mestre» das ordens religiosas de S. Francisco e S. Domingos, ali se aperfeiçoando na gramática latina “*todos os que haviam de entrar nos Cursos das Artes,, (3).*



Não se deve, contudo, exagerar a importância destes institutos eclesiásticos entre nós. Vê-se que estes não tinham vida regular, de-passo que poucos deviam ser os seus escolares.

Estava-se, porém, em pleno advento dessa idade de ouro da era de 500. E Guimarães, que se revia nas glórias do Passado, era, no quadro das terras portuguesas, uma das principais. Berço da Pátria e solar dos primeiros reis; sede das Côrtes portuguesas em 1250, 1256, 1288 e 1401 (4); primaz de uma Colegiada que dera à Igreja um Pontífice, dois Cardiais, oito Arcebispos, trinta Bispos e outros *luminosos astros* (5); primeiro tronco da grande árvore genealógica da Nação; Guimarães, em suma, que foi, porventura, “*dentro dos limites portugueses, o primeiro centro de arte,, (6),* não podia deixar de se influenciar dêsse renascimento cultural da Era-Nova que surgia.

Demais, se antes da secularização da vida intelectual, era nos mosteiros onde o labor das letras encontrava o seu alfobre, a sua *germinal* de atraentes brilhos, ainda e por isso mesmo a terra de Guimarães oferecia condições de bom arroteamento, pois não lhe faltavam abundosas casas monacais (7).

(1) Obra citada, pág. 170.

(2) Obra citada, pág. 170.

(3) Fortunato de Almeida — *História da Igreja em Portugal* — L.º 1.º, pág. 490. — *História Seráfica da Ordem de S. Francisco na Província de Portugal* — P. 5.ª, L. 2.º, cap. 19.º, pág. 266. — *Agiológio Lusitano* — P. 5.ª, L.º 3.º, pág. 377.

(4) Alfredo Pimenta — *Elementos de História Portuguesa*.

(5) Francisco Xavier da Serra Craesbeak — *Catálogo dos D. Priores da Colegiada de Guimarães, 1725*.

(6) D. Carolina Micaëlis de Vasconcelos. — *Cancioneiro da Ajuda* — Vol. 2.º, pág. 765.

(7) Só no burgo, contavam-se 8 conventos.

Eis porque, neste meio ambiente tão propenso aos adejos da intelligência, foi cousa muito natural que uma figura de monge, saindo do seu convento, ali em baixo em S. Domingos, fôsse à Câmara onde estavam reunidos a dar despacho às partes os "*homens bons*„ do concelho; e ali, em voz persuasiva, lhes dirigisse "*hũa fala*„, cujo teor assim foi:

“Senhores: Pelo experimento que tenho desta terra dantre doiro e minho, considerando quanta ignorancia há nela e quão alongados andamos do catolico viver e quão outros somos do que foram os antigos que nela habitaram, que eram mais ardentes no amor de Deus e instruidos nas cousas da fé, como se mostrou pelos muitos edificios de casas de religião e multidões de igrejas que nela há, em muito maior numero e quantidade que em nenhũa parte dos reinos; meditando que a causa principal desta calamidade é a ignorancia das ciencias e virtudes que por elas se adquirem, diz-me a rezão que haveis vós de representar a el-Rei propondo-lhe alguns remedios pera se reduzir a verdadeiro viver esta gente e semelhantemente as pessoas da religião e ecclesiasticas cujo dissoluto viver delas... é em tanta maneira cegueira e perdição.,”

Destarte, o bom do monge, Padre-Mestre da sua Ordem, apontando aos juizes e vereadores da terra o remédio para tão profundo mal, diz-lhes que era mister "*plantar entre nós pessoas cientes e virtuosas e fazer collegios e escolas onde se leia e aprenda as ciencias e modos de servir e conhecer e exaltar a Deus Nosso Senhor*„ (1).

E sendo esta Vila "*hũa das mais nobres do reino*„, aqui se faria levantar essa casa, "*ajudando o povo cõ madeiras e outras cousas*„, embora por pobreza da terra não fôsse abastada "*pera muyto*„.

Assim, por êste discorrer acizado, propôs o Padre-Mestre de S. Domingos, que fôsse ouvido em tal matéria "*o Senhor Diogo Lopes de Lima, alcaide-mor da Vila, mais o ouvidor do duque nosso Senhor, que eram pessoas de boõ Respeito*„.

Atentamente escutada esta fala do frade dominicano, a todos "*pareceu bem*„, o que lhes propusera. Após o que, logo se fizeram as audiências necessárias e se dirigiu a El-Rei o Senhor D. João III, por intermédio dos nossos procuradores às Côrtes, o memorial da petição.

Oiçamos, nas expressões textuais dêsse documento, o final dessa petição:

“Il Senhor fazemos saber a sua alteza que el Rey dom Joham o 2.º que deus teem por fazer merce a esta villa que lho pediu lhe fez merce da igreja de Murça pera hũm pregador que preegasse nesta egreja de nossa senhora desta villa e ora o prior e cabydo dela dá doze mil rreaes ao moesteiro que nos dá aqui preegador e o mais converte e sseu uso | e porque

(1) Corpo Cronológico — Parte 1.^a, Maço XI, Doc. XVI (cópia da S. M. S.).

ella Rēde muyto mais e foi dotata pera soamente o pregador e he cousa que veem bem a este collegio pedimos per merce a a vossa alteza lhe apraza a rrenda desta igreja se dar e atribujr pera hūa cathedra de Theologia no dito collegio cō obrygaçam que o que a rreger seja obrygado a pregar continuadamente na dicta egreja assy como ora faz o mestre., (1).



Dêstes e dos anteriores dizeres da representação dirigida às Cōrtes de 1512 reunidas em tempos de D. João III a favor da criação de um instituto de ensino público nesta Vila, extraímos as seguintes conclusões:

1.^a Que, a pedido da Vereação, já no reinado de D. João II haviam sido encorporados na Colegiada de Guimarães os rendimentos da igreja de Murça (2), para, com a ajuda deles, se pagar a um prègador que, na cátedra da mesma Colegiada, fizesse o ensino da moral, ensino que, como já vimos, foi confiado a um frade de S. Domingos.

2.^a Que a renda da referida igreja de Murça, excedendo os “doze mil rreaes”, ajustados para pagamento do mestre de moral, permitia aos peticionantes formular o desejo de que o excedente fôsse aplicado a favor da criação de “hūa cathedra de theologia”, no colégio a criar-se.

3.^a Que a Câmara se propunha lançar mais “hūn ceutil”, de imposto sōbre cada arrátel de carne para a sustentação de um colégio de ensino superior, ou “mea cannada”, por cada almude de vinho, além de ajudas extraordinárias por parte do povo, com madeiras e outras cousas necessárias.

Simplemente a petição carecia de um largo período de maturação, para bem sazonar no ânimo de D. João III. Entretanto, lá ia na capela de S. Pedro, cita no claustro românico de N. S. da Oliveira, dando lições de gramática latina o Cónego Mestre-Escola, alternando a sua cátedra com a do leitor de teologia moral.

Êste ensino, porém, talvez não fôsse muito regular, se atendermos à circunstância de a Colegiada, mercê da sua especial jurisdição no arcebispado, não ter visitantes, obedecendo só directamente a Roma. Assim viveu durante 321 anos; até que, um dia, pela violência das armas, D. Henrique, ocupando a cadeira de Primaz das Espanhas, feriu essa prerogativa, pois que, como magoadamente respingou o Cabido vimaranense, “em tudo ussa como principi & sñor que he., (3).

Da segunda visita realizada por D. Henrique à Colegiada de Guimarães, em 1538, ficou consignado sōbre a matéria do ensino, êste incisivo capítulo:

(1) Corpo Cronológico — Parte 1.^a, Maço XI, Doc. XVI (cópia da S. M. S.).

(2) Vid. *Dissertações Cronológicas* — João Pinto Ribeiro — T. 4.^o, P. 2.^a, pág. 208.

(3) João Lopes de Faria — *Santa Maria de Guimarães e a Jurisdição da sua Igreja* — Inc. *Revista de Guimarães*.

“ § *Ho mestrescola mandarãa ensinar a ler e cantar os moços do coro todos dias da somana duas horas s.(endo) hũa polla manhã outra a tarde dentro na claustra por mestre au... (torizado) p.^a yssso sob pena de deez cruzados douro., (1).*



Deixemos agora que as lições aproveitem aos escolares, e vamos até lá cima ao Convento da Costa, a ver se na vetustez das suas pedras ou na cromia dos seus azulejos, algumas reminiscências do passado nos rememoram dos frades que o habitaram alguma vibração da sua vida intelectual.

Sim, porque na história das instituições escolares portuguesas, se faz referência à existência das Escolas Académicas da Costa.

Entremos, pois, a portaria da grande casa monacal fundada pela Rainha D. Mafalda, no ano remoto de 1139, e o deu aos Cónegos Regulares de Santo Agostinho.

A fisionomia actual do mosteiro, é bem diversa da primitiva. Ainda assim, encaminhemos os nossos passos em direcção à varanda soalheira de S. Jerónimo, onde a água cantante de um chafariz de pedra e a paisagem de maravilha bucólica que daquele miradouro se desdobra, enche de ritmos suaves a nossa alma. Ali descobriremos dois *panneaux* de azulejo que nos comunicam um pouco do manancial histórico que buscamos.

Representa o primeiro, à direita, D. Jaime de Bragança, 2.^o Duque e donatário de Guimarães, apresentando a Fr. António Moniz, perante a comunidade dos monges, a bula pontifícia que, em 1528, mandou entregar o mesmo convento, então da Regra de Santo Agostinho, aos frades de S. Jerónimo.

Representa o segundo, à esquerda, a entrada triunfal no mosteiro dos Infantes D. Duarte e D. António, para nêle cursarem os estudos superiores ali criados, vendo-se Fr. Jorge de Belém, ministrando um curso (2).

Encaminhem-nos agora para a cêrca. Na retaguarda da capela-mor do templo que forma o conjunto desta notável casa monacal, está uma lápide de grande vulto, a qual reza assim:

“Neste lugar por ordem de El Rei D. João o III e já no tempo em que este Mosteiro era dos Religiosos de S. Jeronimo, houve um colegio em o qual se estudavam Humanidades, Filosofia e Teologia. Dele foi Reitor o Padre Frei Diogo de Murça antes de ser da Universidade de Coimbra e nele se congregaram os Mestres estrangeiros que vieram para a dita Universidade. Aqui estudaram, assistiram e se criaram os senhores Infantes

(1) João Lopes de Faria — *Santa Maria de Guimarães e a Jurisdição da sua Igreja* — Inc. *Revista de Guimarães*.

(2) Vid. *Revista de Guimarães*, ano de 1910, vol. XXVIII — *Convento da Costa*.

D. Duarte, filho bastardo de El Rei D. João o 3.º e D. Antonio do Infante D. Luiz e Neto de El Rei D. Manoel. Há no cartorio deste Mosteiro um Privilegio concedido e assinado por El Rei D. João o 3.º para que o Prior deste Mosteiro que juntamente era Reitor e cancelario e os seus Lentes dessem graos de Licenciados, Bachareis e Mestres em Artes; e os graduados tivessem as mesmas isenções que gozam os da Universidade de Coimbra., (1).

Tenham, por sua vêz, a palavra os vèlhos manuscritos. Êles continuam, com desvanecido empenho, a dar-nos desenvolvida notícia dêsse factio histórico que um *panneaux* de azulejo e uma lápide de granito fixaram, pela imagem e pela inscrição.

Ouçámo-los:

“A assistencia destes Infantes neste Mosteiro moveo a El Rey D. João o 3.º a levantar nelle hũa pequena Universidade instituindo hũ collegio em que se estudava Latim, Philosophia e Theologia.

.....

“Neste collegio se congregarão os Mestres que no tempo do mesmo Rey vieram para a Universidade de Coimbra, e daqui se passarão a ella. Conservouse algũs annos mais este collegio, e no cartorio gaveta 11, n.º 25, está hũ Alvará do anno de 1541, em que se concede a graça de se poderem dar aqui com authoridade sua os graus de Lecenceados, Bachareis, e Mestres em Artes, os quais gozarião os mesmos Privilegios, e izençoins que os da Universidade de Coimbra.”

Segue o citado Alvará:

“Eu El Rey faço saber a quantos este Alvará virem, que por folgar de fazer graça, e mercê no collegio, que ordeney da Ordem do Bemaventurado S. Hyeronimo, que está no Mosteiro de Santa Mariña da Costa da dita Ordem, e assim aos Lentes, e aos colegiaes do dito collegio hey por bem, e me praz dar minha authoridade, poder e faculdade, para que no dito collegio se deem graos de Bachareis, Lecenciados, e Mestres em Artes; os quais graos se darão por minha authoridade, que para isso dou, e quero, e me praz, que os que no dito collegio forem graduados nos ditos graos, tenham e gozem de todas as liberdades, privilegios, preeminencias, izempçoins, que teem, e de que gozam, e devem gozar os graduados nos ditos graos, que se graduarem na Universidade da Cidade de Coimbra, e por este dou poder ao Reytor do dito collegio que como cancelario seja presente aos exames, e dê as licenças aos examinandos, que forem aprovados pellos examinadores para receberem os ditos graos, e lhes passe delles suas cartas em forma, nas quais faça menção de como elle dá os ditos graos por minha authoridade que para isso lhe dou. Este Alvará mando que valha, como carta, sem embargo da Ordenaçam no livro 2.º de minhas Ordenaçoins no titolo 2.º, que diz que as cousas, cujo effeyto houver de

(1) Vid. Revista de Guimarães, ano de 1910, vol. XXVIII — Convento da Costa.

dorar mais de hum anno, passem por carta. Isto será somente emquanto eu o houver assim por bem, e não mandar o contrario. Comprirseha, posto que não seja passada pella Chancellaria, sem embargo da dita Ordenação. Jorge Roiz o fes em Lx.^a a seis dias de Julho de 1541. Rey. (1).



Da vida escolar e do saliente valor dos mestres que ensinaram neste colégio superior, fala o sugestivo depoimento de um outro mestre estrangeiro, Nicolau Clenardo, traduzido e citado pelo erudito lente e escritor Dr. Gonçalves Cerejeira, actual Patriarca de Lisboa.

São do citado mestre estrangeiro as impressões que vão ouvir-se, impressões por êste transmitidas a um seu amigo a-propósito de uma visita que fizera ao Director do colégio, D. Diogo de Murça:

“... Tem êle no mosteiro três lentes, todos portuguezes. Conheceis já Bordalo: êste ensina ética logo depois do almôço, e a física antes do meio-dia; outro ensina dialéctica; o terceiro, sob cujas bandeiras milita um filho de el-rei, de catorze anos de idade, a retórica.”

E, arrematando:

“Assisti às lições de todos êles, e quizeram-me parecer bastante desempoeirados no seu ensino.” (2).



Das escolas académicas no convento da Costa, no século XVI, nada mais há que acrescentar.

Apenas esta nota do nosso Abade de Tagilde, que fala do termo da sua existência:

Não foram duradouras: “4 ou 5 anos depois, segundo nos informam documentos publicados no Corpo Diplomatico, já se cuidava da sua transferencia para Coimbra. Ainda assim foi glorioso o tempo da sua existencia.” (3).

O cónego Gaspar Estaço fala dêste estabelecimento de ensino do século XVI, chamando-lhe *“huma pequena Universidade”*. Segundo êle, os dois Infantes praticaram ali, não sòmente os estudos; mas *“trouxeram o*

(1) *Revista de Guimarães*, ano de 1910, vol. XXVIII — *História da Igreja em Portugal*. - L.^o 3.^o, págs. 304 e 305.

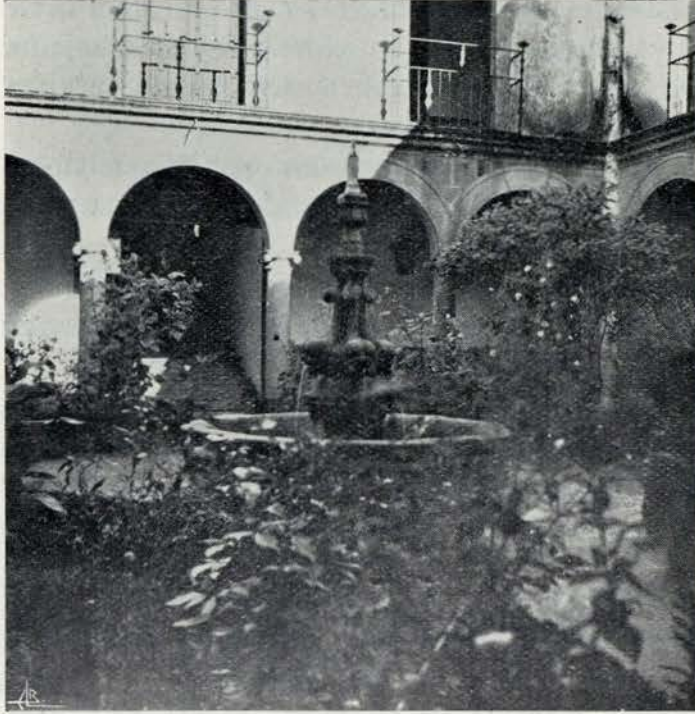
(2) Joaquim de Carvalho — *História da Literatura Portuguesa* — Vol. 1.^o, pág. 308.

(3) *Influência dos Papas e dos Arcebispos de Braga sôbre a instrução em Portugal* — Págs. 15 e 16.

habito seis anos... e, de mandado d'El Rey, ajudarão ás Missas e servirão no refeitório,, (1).

Finalmente, a completar estes elementos biográficos do Príncipe D. Duarte, diz um seu panegirista:

"Creou-se no Mosteiro da Costa da Ordem de S. Jeronimo, tendo por Mestre a Fr. Diogo de Murça, religioso da mesma Ordem... Aqui aprendeo Humanidades, Rhetorica, Filosofia e Teologia, e outras artes, como Musica, em que foi destro, e em instrumentos,, (2).



CONVENTO DA COSTA - Claustro

(Fot. de Aarão de Lacerda).

E, porque era Príncipe, a êle era dada a presidência na hora solene da abertura de aulas, que era em dia de S. Jerónimo.

A *Oração de Sapiência* que o jovem discípulo proferiu diante dos seus mestres, é uma oração maciça, campanuda, feita *"em louvor da Filosofia,,* da ciência escolástica e dos seus métodos (3).



Encerrado que foi o ciclo da pequena *Universidade da Costa*; apagado

o brilho refulgente do privilégio que êsse estabelecimento usufruiu por uma Bula de Paulo III, mercê da qual ali se conferia aos seus escolares *"os graus de bacharel, licenciado, mestre e doutor em artes, filosofia e teologia,,* o ensino público da vetusta Guimarães quasi atinge eclipse total.

Entrado o século XVII, perdida a independência nacional, as letras vimaranenses dão por si testemunho de quão apagada era na terra portuguesa a sua vida literária. É reflexo disso a cultura eclesiástica,

Vejamos êste quadro extraído de um *"Livro de Lembranças de muitas*

(1) Estaço, ob. cit., pág. 127.

(2) *História Genealógica da Casa Real Portuguesa* — L.º 4.º, pág. 539.

(3) *Idem, idem* — Provas do L.º 4.º, págs. 40 a 54.

cousas notaveis q̃. (havia) na muito devota Igreja Colegiada... feito no ano de 1620 pelo P.º Pedro de Mesquita.,:

"... qualquer clerigo, Diacono, ou sudiacono e o q̃. ouver de capittollar, ou fazer outro qualquer officio ecclesiastico, q̃. gramatico non for, primeiro q̃. comece seus officios, ao menos os domingos e festas, e dias q̃. mais gentes recorrem a igreja, cheguesse a hum conigo ou beneficiado, q̃. entenda latim, e presente ele, lea e proveja apartadam.^{1º} todo esso q̃. ouver de dizer e fazer, em guisa q̃. quando depois chegar a fazer os ditos autos ou officios, nom erre em algũa cousa, e o melhor he ser apartadam.^{1º} corregido por hum, q̃. ser corregido e doestado em presença de muitos, como convem q̃. seja qualquer q̃. vergonha não ha, em presença de julgar-se por idiota., (1).

Assim mesmo. Ainda no século XVII havia padres que não sabiam latim, tal-qual certo capelão de Santo Estêvão de Urgeses, a quem foi conferida a colação, em 1433, embora não satisfizesse ao que a Constituição da Igreja de Braga determinava, isto é: *"saber leer e cantar e entender ao menos quanto ao pee da lettra, pera elle poder teer e receber licitamente a dita egreja., (2).*

Ainda assim, *"com tôdas as suas deficiências, foi o clero, desde o princípio da monarquia, a classe mais culta da Nação, podendo afirmar-se que êle tinha o monopólio das letras. A palavra "clérigo,, servia para designar as pessoas mais versadas nas letras divinas e humanas... O ofício de escrever reputava-se até privativo dos clérigos, e, portanto, alheio às outras classes., (3).*

Assinar de cruz, era prenda corrente.

Diz-nos isto a História: *"Dos nossos Soberanos se não encontram assinaturas antes do Senhor D. Diniz., (4).*

E a inversão de valores subia a tal ponto, que se chegou a criar este anexim: *"Mais fidalgo é não saber ler.,.* Nem escrever, pode acrescentar-se, pois as grandes personagens, *"por grandeza mesmo, se dispensavam até de fazer de próprio punho os seus sinais., (5).*

Mas, toda a decadência traz consigo uma reacção.

Dez anos após a deposição das armas, durante 28 anos terçadas entre portugueses e castelhanos, dá-se na vila de Guimarães uma manifestação de arranque, em prol do ensino público.

Regista-o um livro da Câmara, relativo a 1678, por este teor:

"Aos 30 dias do mes de Abril de 1678 em esta vila de Guimarães

(1) Arquivo Municipal — Livro da Colegiada.

(2) Arquivo Municipal — Catálogo dos Pergaminhos.

(3) História da Igreja em Portugal — L.º 2.º, pág. 493.

(4) João Pinto Ribeiro — Dissertações Cronológicas — T. 3.º, P. 2.ª, pág. 16.

(5) Dissertações Cronológicas, pág. 18.

na casa da Camara dela adonde estavam juntos Manuel de Valadares Vieira, vereador mais velho e juiz pela Ordenação Gonçalo Lopes de Carvalho e Camões e José de Sousa de Carvalho, vereadores, e João Rebelo de Andrade procurador do concelho, aí perante eles oficiais da Camara (com) pareceu a nobreza e misteres, procurador do povo abaixo assinados e por eles foi proposto que nesta villa havia muitos sojeitos bons que se perdião por não ter possibilidades para hirem estudar fora da terra e hera utilidade do reino o haver nele muitos homens de letras com que sempre sua Alteza ficava mais bem servido, e que já nesta villa houvera cadeiras no real convento de São Jironimo nas coais tãobem aprenderão os primeiros principes deste reino, e que supposto estas estavam destituidas e visto o grande proveito he utilidade que se seguia de ellas se tornarem a conservar, ou no mesmo convento ou em outro que paressa mais conveniente, elles se offeressião em nome de todo o povo a pagar as custas que fizerem em cada hum anno aos lentes e cousas necessarias a este fim para que haja escolas de gramatica, filosofia e theologia, e que o custo será metido no cabeção da cisa”

E todos concordavam pagar; todos convinham nisso, “*por ser hũa comũa utilidade de todos os moradores deste povo”*

Demais, “*era credito de hũa villa tão notavel e a primeira côrte deste reino e base do promeiro rei o Senhor D. Affonso Henriques*” (1).



É evidente que o ensino do Cónego Mestre-Escola, não bastava. A população da vila tinha um censo que podia computar-se em 4.000 habitantes. Impunha-se, de facto, que fôsse criado um estabelecimento de ensino superior. Quanto ao rudimentar ensino do *ler, escrever e contar*, a vila de Guimarães, no primeiro quartearão do século XVII, apenas contaria um “*Belchior Mendes, mestre de ensinar meninos, morador na rua de S. Paio.*” (2).

E se os meninos estavam mal servidos, as meninas muito pior. Nenhum registo nos fala do ensino de meninas, entre nós, no século XVII. Qualquer ensino feminino existente nessa época, não passaria do limite dessas senhoras *mestrinhas* — juntando o *a b c* ao ensino dos labores e do Catecismo —, cujo modelo chegou até nós.

Um pouco mais acima, em categoria de *colégio superior*, estaria o Convento de Santa Clara, fundado em 1573. “*Era então esta casa sujeita aos Claustrais, & não guardava clausura.*” (3).

(1) *Arquivo Municipal* — L.º 13.º das Vereações, fls. 209 a 213.

(2) *Arquivo Municipal* — L.º das Provisões, ano de 1612, pág. 36.

(3) *Histórica Seráfica dos F. M. da Provincia de Portugal* — Tõmo 2.º, cap. X, pág. 267.

Nenhuma notícia há respeitante ao ensino das letras adentro d'este convento de monjas ricas. Sabe-se, apenas, que ali se recolheram e dali saíram para a vida conjugal muitas meninas, as quais levavam como prendas, além da arte de bem fazer doces, algumas luzes sôbre as regras da Poesia (1).

Digamos, contudo, para se não cair em falta de êrro histórico: — que a educação literária da mulher era escassa, visto então não passar, e não se querer que passasse, de — *gata borralheira*.

Se o monógrafo vimaranense, Padre Caldas, nos indica uma série de mulheres vimaranenses notáveis em virtudes, apenas nos oferece três, nos séculos XVIII e XIX, que se distinguiram no campo das letras (2).

Que admira! A pigarrenta ciência indígena, sabia muito bem de cor o velho estribilho:

Mulher que sabe latim,

.....

Libra-Nós e Dominê.

Pôsto isto, e buscando traçar com segurança um quadro respeitante ao ensino superior em Guimarães, no século XVIII, nada melhor que estes despachos reproduzidos dos livros da Vereação:

1.^a Provisão (4 de Março de 1740): *Concedendo ao P.^e Leandro de Castro, morador na rua de Gatos, licença para continuar a ensinar gramática, que já ensinava há 20 anos, o que era de utilidade, pois os estudantes pobres não podiam ir para Braga e serem vigiados pelos pais; e foi acordado em Câmara, nobreza e povo e ministros, que informassem bem* (3).

2.^a Provisão (5 de Abril de 1742): *Autorizando o P.^e Francisco Vaz Pinheiro, natural de Serafão, residente na rua de S.^{ta} Maria, a ensinar gramática em Guimarães* (4).

3.^a Provisão (7 de Janeiro de 1774): *Nomeando professor de gramática latina em Guimarães, com o ordenado de 240\$000 réis, o P.^e António Lôbo de Sousa, por três anos* (5).

4.^a Provisão (5 de Novembro de 1792): *Concedendo licença a José António de Faria, clérigo minorista, para ensinar gramática latina em Guimarães* (6).

(1) *Poetas Vimaranenses*, do Autor.

(2) *Guimarães* — Vol. 1.^o, pág. 210.

(3) *Arquivo Municipal* — L.^o 4.^o dos Registos, pág. 149.

(4) *Idem* — L.^o das Provisões, pág. 88 v.^o.

(5) *Arquivo Municipal* — L.^o 9.^o dos Registos, pág. 296.

(6) *Idem* — L. 19.^o dos Registos, pág. 265.

Século XVIII.

D. João V instituiu em Lisboa a Academia Real da História.

A província, seguindo esta manifestação de vida intelectual, instituiu *Academias Literárias*.

Guimarães, ciosa dos seus foros académicos, fundou uma dessas tertúlias literárias, verdadeiro alfofre de poetas.

Não há elementos históricos quanto à existência deste cenáculo. Apenas se alcançam notícias relativas aos anos de 1747 a 1749. Parece, todavia, que ainda havia vestígios do seu borbulhar literário pelo ano de 1798 — sarau realizado em homenagem à posse do D. Prior Domingos de Portugal e Gama (1).

Os seus fastos mais notáveis, porém, dizem respeito à vinda para Guimarães do Arcebispo D. José de Bragança, por divergência deste prelado com o Cabido bracarense (2).

O patrono da Academia foi o senhor de Abadim e Negrelos, com casa armoriada no Largo da Misericórdia. No mesmo terreiro se ergueu o Paço do Senhor Arcebispo.

Nestes dois tablados se reunia, de preferência, o cenáculo dos amigos das letras.

Fala da sua constituição Alberto Pimentel:

“Viviam na vila de Guimarães alguns homens instruídos, cultores das belas-artes... Haviam fundado em Dezembro de 1724 uma academia vimaranense, na qual agrupavam fidalgos, eruditos, cônegos da real Colegiada, doutores em leis, abades do concelho, numa palavra, a fina flor das letras de Riba Vizela.” (3).

Durante a permanência entre nós de D. José de Bragança — ilustre pelo báculo de chefe Primaz e pela sua ascendência real —, os trabalhos da academia eram sucessivos, e apresentados em sessões festivas, saraus de arte, outeiros poéticos.

Também Camilo, nas *Memórias do Cárcere*, assim se lhe refere.

“Vi lá em baixo, entre florestas e jardins, o berço da monarquia, a faustosa cidade que teve academia de sábios, que rivalizou com as mais graduadas, em seu tempo na capital.”

A memorável *Academia Literária Vimaranense* teve um detractor de respeito.

Foi um poeta libertino e talentoso que se chamou António Lôbo de Carvalho, filho de um mercador ourives de Guimarães, residente em Lisboa.

(1) P.^o Alberto Gonçalves — *Notícias de Guimarães* — 10-12-937.

(2) Tadeu Luiz — *Guimarães Agradecida*.

(3) *O Lôbo da Madragoa* — pág. 73.

Um dos seus botes, terminava assim :

*Para bem, seja aquela barrigada
Que de poetas encheu a academia;
Se deu treze por dúzia, e a demasia,
Santo António abençõe esta ninhada!*

Também Camilo põe na bôca de um dos seus personagens, estas cruéis palavras :

Guimarães "*tem lá uma cousa que chamam Academias, onde prègam sermões. Assisti uma vêz a uma dessas zaralhices, quando fui à feira do ano comprar potros, e ri-me à farta daqueles toleirões,*" (1).

Em boa verdade, diga-se: os poetas em Guimarães, nesse período encantado do romantismo, eram, na frase de um ditirâmico contemporâneo, — "*cisnes mais numerosos e mais doces que nas margens do delicioso Rhodano,*" (2).



A primeira escola régia para o ensino de instrução primária em Guimarães foi criada em 1803. Em 1808 uma Provisão manda abrir de novo a aula de retórica e poética, encarregando-se dela Fr. António Pacheco, religioso de S. Domingos (3).

Extintas as ordens religiosas, o ensino ia entrar em nova fase.

Entretanto, "*Guimarães, não falando no ensino particular e muito irregular da filosofia e retórica, ficou reduzido a uma só aula pública de latim, que desde 1840 a 1841 esteve fechada, por se não pagarem os ordenados ao professor,*" (4).

O último professor de latim, aquêle a quem podemos considerar o último *Magíster* da vèlha escola, foi Pedro Venâncio da Rocha Viana.

Assim o retrata um seu contemporâneo :

"*Conhecedor profundo da língua de Cícero e de Horácio, ante a sua temível cadeira de latim passaram os melhores nomes da geração ilustre que nos precedeu e honrou, numa atenção, num respeito, num tal acatamento pelas prelecções e ensinamentos do mestre, que bem indicava o rigor, a disciplina e a inflexibilidade dêste. Mas eram tão grandes e tão justas a sua fama e reputação do seu saber e dos seus rigorosos processos de ensino, que a simples indicação do nome do professor bastava, na maioria dos casos, para dar ao discípulo a certeza da aprovação que pretendia,*" (5).

(1) *Sermão da Montanha* — pág. 157.

(2) Veja-se do Autor — *Poetas Vimaranenses*.

(3) *Arquivo Municipal* — L.º das Vereações, 1802.

(4) P.º António Caldas — *Guimarães* — Vol. 1.º, pág. 143.

(5) Fernando da Costa Freitas — *Revista de Guimarães* — n.º 396, ano 32.



O que veio depois, pertence à geração actual. Não é meu propósito cuidar de esmerilhar a sua história.

A figura obesa do austero e douto latinista, Pedro Venâncio, fica bem no limiar do arco ogival que dá para o Passado das letras vimaranenses.

A fazer-lhe companhia, dentro da sua cátedra, proponho-me eu colocar algumas gerações académicas — desses escolares de Guimarães que, havendo recebido, no século XVII, uma herança e um culto irmandadeiro em honra de S. Nicolau, através os tempos não respeitaram esse fóro, realizando ainda em nossos dias as tradicionais celebrações *Nicolinas*.

Será isso matéria para novo estudo — a-par do inventário dos Cónegos Mestres-Escolas, como precursores do ensino público em Guimarães.

Guimarães, 10 de Outubro de 1938.

A. L. DE CARVALHO.



O ROMANCE DUM FIO DE ÁGUA

Ao Dr. Camilo de Figueiredo.

UMA lagarta subia pela fôlha mais viçosa duma couve. De quando em quando parava profundamente concentrada e por momentos sentia-se como num êxtase. Filosofava a seu modo a lagarta:

— Ao encontrar uma couve, o homem sonha unicamente com um caldo verde e eu alimento-me, sonhando elevar-me sempre num vôo de rara beleza. Desprender-me das grosserias da terra e construir por fim os meus castelos no ar, eis o alado anseio que constantemente me domina. Hei de cumprir o meu destino, o meu mais alto desejo, porque em mim a fé vive tão arraigada que já aproveitaram a côr verde do meu franzino corpo para símbolo da mais forte esperança.

A rastejante lagarta não pôde ocultar um assômo de irreprimível orgulho. Depois duma curta pausa, continuou com manifesto desdém:

— Os mais prudentes riem-se, comparando a pequenez do meu corpo com a grandeza dos meus sonhos. Mas os seres não se medem aos palmos. Os homens, que se dizem amanhados à imagem e semelhança de Deus, procuram vaidosamente imitá-lo, criando, em vêz dum mundo novo, mais uma nova capoeira, a que pomposamente chamam um sistema filosófico. Perante a Vida os homens, êsses grandes sábios de capoeiras, põem todo o seu cuidado na realização duma risível loucura: definir o indefinido, limitar o ilimitado! Nos centros mais cultos a êsse trabalho tão reles dão-lhe o nome pomposo de filosofia.

E do pequeno ser elevou-se uma onda enorme de desprezo pelas mais acreditadas especulações humanas.

A lagarta foi interrompida no seu devaneio por uma lombriga da terra, que gostosamente se revolvía e profundava num lamaçal vizinho, tendo por isso grande fama de sábia:

— A ignorância foi sempre muito atrevida. Contempla-me se queres morder-te de inveja.

E deliciosamente mergulhava na terra lamacenta.

— Para ti a vida é um banho de lama— respondeu a lagarta.— Bem se vê que pretendes imitar o homem.

A lombriga da terra acudiu com orgulho:

— Sim; é o homem que me tem fornecido umas migalhas de filosofia, o único pão do espírito e da verdade.

A lagarta, subindo ao mais alto da couve, disse num jeito de esmagador escárnio:

— Na Vida o meu desejo é subir e o teu anseio é a profunda verdade, que procuras mergulhando-te na terra, aprofundando a lama. És um verme ordinário, e o teu desejo é o dos seres vulgares. Mas atenta que o filósofo é mais inimigo da verdade do que o ignorante. O erro dum ignaro não é tão perigoso como o dum filósofo; este tem sempre um sistema a defender os seus erros — um sistema e todos os seus discípulos.

A lombriga da terra sàbiamente revolvia-se cada vês mais no lamaçal para tentar a lagarta, que continuava no seu devaneio:

— A filosofia é a manifestação do espírito que mais se confunde com a teologia; cada uma delas teima em possuir o exclusivo odioso da intolerante infalibilidade.—E num rasgo de indomável desprezo, concluiu:—A filosofia... a filosofia... essa aberração humana!...

Não pôde continuar por uns momentos, tal a amargura que lhe causava o desvario desprezível do trabalho especulativo dos homens.

Tomando novo alento, confessou:

— Vive dentro de mim o sonho dum artista que substituiu a divisa «A Arte pela Arte» por outra divisa mais alta «O Vôo pelo Vôo».

Impertinentemente acudiu a lombriga da terra:

— Recomendo-te a modéstia. É uma virtude que diz bem em todos os seres.

— A modéstia — comentou a lagarta — é a mais grosseira manifestação da vaidade. Alardeamos por vêzes modéstia porque sabemos que lhe conferem sempre os maiores elogios.

Inesperadamente avizinhou-se da couve um pinto vadio. Planeando um assalto para devorar a lagarta, piou com cinismo:

— Converteste-me com a tua inspirada prática. Vou atascar-me em sonho!...

E, numa grande voracidade, ensaiou um vôo contra a lagarta indefesa, mas não conseguiu alcançar as fôlhas mais altas da couve. Na sua impotência quis disfarçar a derrota, explicando:

— Desejei que admirasses a minha maior virtude. Como vês, sou um teu igual: também vivo para o vôo...

A lagarta, a quem não escapou a raposia do pinto, interrompeu sobranceiramente:

— Sim; um vôo, mas um vôo de capoeira...

A avezita, amarfanhada no seu amor próprio, tomou então uns ares de ser eleito:

— Na verdade, vegetei por capoeiras algum tempo, mas desertei um dia, não podendo aturar mais aquela niveladora vida, tão imunda promiscuï-

dade. O que os pais faziam na presença dos filhos!... Vergonhas, porcaria... O que eu vi certamente me dará um volume de memórias talhadas no mais nu dos realismos. Como vês, também se ajeita em mim um artista ambicioso. Só a Arte é grande e o Realista é o seu profeta!

A conceituosa lagarta deu-se a evangelizar a sua teoria estética:

— O realista é um louco furioso com o desvairo da análise que o leva a decompor sistemáticamente a vida. Só o interessa a decomposição. O realismo não passa de uma bisbilhotice da vida vulgar. É a segunda edição correcta e aumentada do rol da lavadeira. É a negação da Vida e da Arte. Sendo a sua finalidade a análise, e transformando o escopro num bisturi, o realismo cuida ser a autópsia da vida. A autópsia sòmente se faz nos cadáveres. Em vèz de exaltar a Vida, anuncia-nos a morte. O realismo é o necrológio da Beleza. Analisar é fragmentar, é mutilar. A finalidade da Arte não é a análise mas a síntese criadora. A Arte vem resgatar da morte a vida efémera, criando-lhe a eternidade em Formas de beleza imortal. A Arte, dando-nos a vida, não como é, mas como deve ser, é um constante e violento protesto contra a imperfeição da existência. — E como quem funde enormes conceitos, concluiu numa síntese: — A Arte é a Divina Comédia da Perfeição.

Um pobre fio de água, que ouvia em recolhido silêncio a sonhadora lagarta, entrou a preocupar-se com a divisa «O vôo pelo vôo», e começou a torturar-se com a sua existência que rastejava até se perder no lamaçal. Sentia a sua vida tão amargurada que semelhava um fio de lágrimas correndo pela face da terra.



Em plena Primavera uma borboleta errava pelas roseiras em flor, vizinhas do pobre fio de água.

— Cumpre-se o meu glorioso destino! — dizia a borboleta. — Realizou-se o meu sonho! A lagarta, que se arrastava escravizada a uma couve, metamorfoseou-se neste livre e pequenino ser alado. Quando se realizará a metamorfose do homem escravo em homem livre — a suprema aspiração da Vida? A liberdade é a última metamorfose da escravidão. É a transformação da matéria em espírito. Para isso é preciso que em cada homem exista um artista. — E voando alegremente de flor em flor, confessava com orgulho: — O Vôo pelo Vôo! A mísera lagarta transformou-se numa alada obra de arte! Os artistas excedem os Deuses. Os bons Deuses criaram a Matéria, e os artistas com a Forma transfiguraram-na em Espírito alado. A Arte é a metamorfose espiritual da Matéria. — Continuando a vaguear de flor em flor, não se cansava de prègar o seu evangelho de Beleza: — Na verdade vos digo que só pelo espírito nos salvamos em perfeição. O homem, considerado tão irònicamente a obra-prima do Criador, com a preocupação de durar esqueceu-se

inteiramente de viver. Mais vale um momento de Beleza que uma longevidade escravizada à matéria. Perante a Vida só existe a Beleza.

A lombriga da terra achou asado o momento para refutar as veleidades artísticas da borboleta:

— Perante a Vida só a Verdade existe. O Realismo, divulgando a Arte...

A borboleta interveio pressurosa:

— O realismo é a bisbilhotice da vida vulgar. Tem a preocupação do ordinário. Eu procuro o sublime... Vulgarizar a Arte!... Sòmente se vulgariza o que é medíocre. E a Arte é a maior excepção à regra da mediocridade. — E num supremo desdém facetado de sangrenta ironia rematou como quem muda de ideas: — Na verdade, o filisteu também se comove perante a Beleza. Na presença duma estatueta de ouro o filisteu sonha: o seu ideal seria fundir todo o ouro duma obra de arte em moeda corrente.

Em auxílio da lombriga da terra abandonou a sua toca uma toupeira, que disse contra a borboleta:

— Tu tens a orgulhosa preocupação da altura, mas nós temos a preocupação da profundidade, vivendo laboriosamente a-rastos duma santa humildade...

— A humildade — interrompeu a borboleta — não é simplesmente como cuida La Rochefoucauld — não sei se já aprofundaste La Rochefoucauld — um artifício da vaidade, que se rebaixa hipòcritamente na presença dos homens para em seguida pairar por cima deles. Na mais rasteira humildade oculta-se a mais desmedida das ambições. Humilham-se perante o homem efémero para se engrandecerem perante Deus eterno.

Ninguém estranha êsse teu cinismo — censurou a humilde toupeira. — Todos conhecem a imoralidade da tua rudeza.

Entre sarcasmos atalhou a borboleta:

— Os animais subterrâneos consideram imoral a sinceridade. Ser sincero é revelar o pensamento em plena nudez. E tòda a nudez é escandalosa. Os bons costumes, que nos impõem a cobertura do corpo, exigem-nos que cobramos também a nudez da alma. A hipocrisia é o cuidado vestuário do espírito. É com ela que nos devemos apresentar elegantemente na sociedade. É a melhor maneira de mantermos as melhores relações. Há almas mais obscenas que os mais obscenos corpos. É preciso cobri-las em nome dos melhores costumes. A prudência em tais casos recomenda uma simbólica fólha de parra. A hipocrisia é a fólha de parra da alma. A sinceridade é um exclusivo do homem superior. Os inferiores não devem ser sinceros para não revelarem a vida degradada em baixa. Por um fingido amor duma vida nobre sejam sempre hipócritas. A hipocrisia é a virtude dos inferiores — mantém a beleza da vida...

Um alegre pintassilgo interveio no longo debate, saüdando a borboleta e compondo uma sátira contra os animais subterrâneos.

A toupeira, porém, não se deu por vencida:

— Vivemos na escuridão, espiolhando os grandes mistérios, que um dia hão de ser vulgarizados...

Num arrebatamento de esmagador desdém o pintassilgo continuou a sua ardente sátira, cuja aristocrática irreverência constou por tôda a vizinhança:

— Os vulgarizadores!... Os vulgarizadores!... Que raça mais daninha!... Os pensadores originais cunham as suas ideas em ouro puro, Os vulgarizadores, atendendo às mesquinhas exigências do público, trocam-nas em miúdos, de modo a nunca darem as originais ideas, mas deturpados fragmentos, restos sórdidos de trocadas ideas. Os vulgarizadores são os moedeiros falsos do espírito.

Inesperadamente a borboleta sentiu-se na agonia e soltou, numa despedida à Vida, as suas últimas palavras:

— O Vôo pelo Vôo!...

E caíu exânime num enorme cravo vermelho, que, ao sentir a morta, ficou branco como a cera.

Tôda a natureza, como se vestisse de luto, escureceu densamente e recolheu-se num profundo silêncio. Todo o céu pôs círios, acordando o brilho das suas estrélas.

Os seres, amigos e inimigos, lamentaram o fim da ligeira borboleta.

Observando a geral tristeza e a unânime reverência perante o corpo exânime da borboleta, um véelho tentilhão anotou:

— Em vida muitas vêzes somos vítimas de cruéis violências e difamações, que inútilmente desaparecem ao surgir a morte. Amigos e inimigos curvam-se então à vista dum cadáver. Mesmo os que mais nos torturaram na vida prestam religiosamente homenagem aos nossos restos em putrefacção: há um culto que une todos os mortais — é o culto da podridão!...

O triste fio de água é que nunca mais sossegou na sua tortura, em vão recordando e apeteendo a vida alada da formosa borboleta. Com a sua dor vivia em tamanho desvario que dos lados remotos do mar uma solícita gaivota trouxe-lhe uma crisólita, a pedra preciosa que tem a virtude rara de nos livrar da loucura.

Mas o fio de água desprezou a crisólita e não queria esquecer a sua torturada existência que rastejava até se perder no lamaçal. Continuou a sentir a sua vida tão amarga que semelhava um fio de lágrimas correndo pela face da terra.

À sua volta as plantas mais belas agradeciam-lhe os constantes benefícios da sua frescura, que as traziam viçosas e tão perfumadas. A-pesar-de exaltada pela vida em flor, arrastando-se entre perfumes, o triste fio de água não dominava a sua desvairada tristeza.

Em vão dos lados remotos do mar a solícita gaivota trouxe-lhe ainda um crisópraso, a pedra preciosa que tem o condão de afastar as paixões

que atormentam as almas, alegrando a existência mesmo quando repassada de funda tristeza.

Uma carinhosa andorinha também diligenciou consolar o fio de água:
— Alegra-te! Repara no homem! Repara, e enche-te de orgulho!
O homem, a obra mais alta do Senhor, retrata-se em ti, rasteiro fio de água:
depois de correr a vida em flor, cai no lamaçal—o bom senso da vida prática.

Mas o triste fio de água nunca se conformou com a vida dos homens na terra.

NARCISO DE AZEVEDO,



O MAR!

JUNTO à praia, minha alma atiro às águas
E apenas sou distância além das ondas!...
Em nocturnas, soturnas, tristes ondas
Ao vento solto uma canção de mágoas!

A espuma brilha em ondas pela areia...
E a voz do mar à minha se coaduna...
O vento bate contra alguma duna
E nasce nos pinhais a lua-cheia!...

Que profunda emoção nos não domina
Meu velho mar cansado e sem remédio
Erguido à voz dos astros em surdina!

Evoco o teu sonhar, triste e profundo!
— Esquece, oh! mar, êsse teu velho tédio
E vem contar comigo a dor do mundo!

LUIZ AUGUSTO.

O POETA BOCAGE

Alguns elementos para um estudo auto-biográfico e crítico

SEMPRE que falamos de Bocage, sentimos o desfolhar dum livro interior de anedotas mais ou menos picarescas e libertinas, onde cintila, por vêzes, como luz instantânea, o fogo do génio; temos, enfim, sempre que falamos de Bocage, a intuição duma literatura de *fel e vinagre*, qualquer coisa que se deve pôr de parte como preceito da moral e do bom gôsto. Circunstâncias variadas não contribuíram pouco para que sôbre a memória dêsse grande vate, sem dúvida o maior do seu século, e quiçá, como quere Fernandes Agudo ⁽¹⁾, o maior de tôda a nossa literatura, se espalhasse êsse labéu difamante.

Fêz-se do seu nome moeda certa de negócio, — centro em volta do qual se têm tecido as mais disparatadas anedotas, os ditos mais grosseiros e chulos, que vão passando de geração em geração, de bôca em bôca, como se não fôssem por si suficientes para lhe mancharem o estro as suas produções obscenas, bem suas infelizmente, autenticadas pelo seu verbalismo e pela sua técnica inconfundíveis. Transformado assim em motivo de tôdas as descrições cómicas, hilariantes, não é de estranhar que se tornasse, principalmente para aquêles que desconhecem a sua obra, a figura lendária e quixotesca que tem chegado até nós; «para muitos sômente, diz Elói do Amaral, o poeta chocarreiro dos botequins e dos terreiros dos conventos, o boémio das arruaças, turbulento e audacioso, sempre em companhia de fidalgos estouvados e frades foliões, quando não apenas conhecido por um simples brêjeiro» ⁽²⁾.

O próprio Bocage quando escrevia:

«Meu nome que esparziste, honraste, ó fama,
Meu nome em berraria, em assoada!»

não tivera mais do que um verdadeiro presentimento, uma verdadeira inspiração de vidente, vendo reflectida no espelho dos seus próprios dias a imagem do futuro, — essa *berraria e assoada* tomarem a Posteridade, como um estigma da sua vida desregrada, como um castigo do seu talento esbanjado em maravilhas de repentismo, em suma, como um eco dêsse

(1) *Noções de história da literatura portuguesa* — Lx., 1925, pág. 227.

(2) *Bocage* — Fragmento de um estudo auto-biográfico — Figueira-da-Foz, 1912, 1 folh.

momentos orgíacos em “*que as asas do improviso o céu roçaram*... Precisamente as suas páginas ditadas em horas de despreocupado bom humor, do realismo mais grosseiro e nu mas não menos artístico, foram as únicas que caíram com agrado nas multidões, e à volta delas vá o nosso povo de matar, fantasiar e acrescentar!

É muito conhecida a célebre quadra que resume a sua possível resposta às três perguntas da guarda real da polícia: quem é? donde vem? para onde vai?:

«Eu sou o Bocage,
Venho do Nicola;
E vou p'ro outro mundo
Se dispara a pistola.»

Ora se Bocage cá viesse de novo, ¿como não ficaria perante esta quadra suja e mal feita que tem o seu nome? Éle que tão alto subira na perfeição métrica e que tinha o condão raro da harmonia, «o mais eminente mérito de Bocage, e no qual nem antecessor teve, nem ainda até hoje sucessor» (1), não podia de forma alguma ser o seu autor.

Devemos afastar de nós como incapazes de pertencerem ao grande talento do poeta e do repentista que foi Bocage, tôdas essas mil composições absurdas, ridículas, que circulam e se repetem a cada passo.

É preciso dizer que, ao lado e muito acima do Bocage popular e em grande parte transfigurado pela criminosa tradição, se levanta o verdadeiro. Bocage, aquela grande alma de poeta que muito amou e sofreu e que se encontra em pedaços repartida pelas páginas da sua vasta obra, — páginas algumas de profundo lirismo, que merecem confronto com as melhores de Camões e outras de «cândidos sorrisos da inocência», de linguagem ingénua e meiga, que nos fazem lembrar João de Deus.

«Urge rehabilitar o formoso lírico, que compôs tantos sonetos de ardente amor e triste filosofia, e tantos idílios, e tantas elegias, e tantas canções, que honraram a nossa raça. E urge, sobretudo, rehabilitar o grande architecto da expressão verbal, o admirável artista da palavra, o inexcedível metrificador, que foi o desventurado Manuel Maria.»

Escrevera isto como um protesto de reparação, o grande escritor e também grande poeta brasileiro, Olavo Bilac (2).

A todos compete desfazer a teia que inimigos da sua glória teceram em redor do seu nome, elevando ao pedestal, onde só têm lugar os eleitos, aquêle que foi «um dos mais assombrosos génios de que jamais honrou-se a Terra portugueza» (3).

(1) Visconde de Castilho — *Primavera* — Lx., 1903, pág. 138.

(2) *Bocage* — Pôrto, 1917, 1 folh., pág. 42.

(3) Doutor Joaquim C. F. Pinheiro — *História Literária* — Rio-de-Janeiro, 1872, tómo II, pág. 218.

I

São as obras dos poetas quasi sempre o espelho da sua vida, nas quais ordinariamente se reflectem as suas mais íntimas inclinações, e ficam consignados os factos mais notáveis da sua existência.

Visconde de Juromenha, in *Obras de Luiz de Camões* — Lx., 1860, vol. I, pág. XVIII.

Manuel Maria de Barbosa du Bocage, «reputado pelo consenso universal como um dos nossos melhores poetas e depois de Camões o mais popular e celebrado de todos» (1), nasceu a 15 de Setembro de 1765, na moderna e progressiva cidade de Setúbal. A esta cidade, pois, de vélhas lendas e históricas tradições, amorosamente situada junto às águas quasi sempre calmas do Sado, que lhe vem morrer ao pé, num pacto de aliança com o vélho Atlântico, coube a glória de ser o berço do poeta Elmano, nome pastoril por que é mais geralmente conhecido no mundo literário: (2)

«Elmano, o malfadado,
Que em aziágo instante a luz primeira
Viu lá nas praias, onde morre o Sado.»

(Idilio VI).

«Lá de Tubal no empório celebrado,»

(Son. IX, livro II).

Dotado pela natureza duma extraordinária precocidade poética, Bocage,

«Das faixas infantis despido apenas,
Sentia o sacro-fogo arder na mente.»

(Son. XCIX, livro I).

e podia até dizer com justificado orgulho:

«Versos balbuciei co'a voz da infância,
Vate nasci, fui vate ainda na quadra
Em que o rosto viril, macio e tenro
Semelha o mimo de virgínea face!»

(Plantas).

(1) Inocência F. da Silva — *Dicionário bibliográfico* — Lx., 1862, vol. VI, pág. 45.

(2) Fomos buscar os versos que ilustram alguns passos da vida do poeta aos seis volumes que formam a valiosa edição que das suas poesias fez, em 1853, Inocência Francisco da Silva, com prefácio do grande historiador e romancista Luiz Augusto Rebelo da Silva.

«Lá sôbre lindas flores, que meneia
Sadia viração, cantei mil versos,
 Mil versos, de que tinha a mente cheia.»

(Idílio VI).

Poetas foram seus pais, o bacharel em cânones, José Luiz Soares de Barbosa, e a ilustrada senhora D. Mariana Joaquina Lestof du Bocage, que descendia de António Le Doux ou L'Hédois du Bocage, francês de nascimento e oficial que estivera ao serviço da marinha portuguesa.

«Nasceu poeta, declara Olavo Bilac, pela influência do sangue e pela da atmosfera de poesia que lhe cercou o berço» (1); e é nessa mistura de sangues — o português e o francês — que lhe legaram os seus progenitores, que José Agostinho assenta como provável a dualidade curiosa e expressiva do poeta, e cuja dualidade seria o sentimentalismo impulsivo ao-par da viveza, cheia de chiste e de espontaneidade (2).

Entretanto devemos não esquecer as circunstâncias principais da sua vida, o meio em que se formou e se desenvolveu, — causas essas bem mais determinantes, quere-nos parecer, das qualidades que lhe adornavam o espírito e que faziam dele, ao mesmo tempo, o namorado impulsivo e carinhoso, o pessimista irónico e frio ao lado do crente sincero e comovido, e o adversário sarcástico e contundente a-par do amigo generoso e bom. Quando o poeta contava dez anos de idade, no ano, portanto, de 1775, a morte roubava-lhe para sempre os cuidados e desvelos da mãe, e este desenlace, como é de prever, ferira-lhe profundamente a sensibilidade e fôra um rude golpe para o seu coração de criança.

A partir dêsse momento, é com um misto de respeito e saüdade que dela fala:

«A dous lustros a morte devorante
 Me roubou, *terna mãe*, teu doce agrado;»

(Son. IX, livro II).

;E quem sabe se a falta dêsse *doce agrado*, dessa doce companhia, não fôra a causa primeira das suas futuras desgraças! Depois de haver completado os seus primeiros estudos, entre os quais o de latim, que lhe fôra ministrado pelo eclesiástico espanhol, D. João de Medina, assenta praça aos 16 anos como soldado no regimento de infantaria em Setúbal (3), certamente para fugir ao poder do pai que tentava sopear-lhe as tendências poéticas, consideradas por si como incapazes de garantirem ao filho uma

(1) *Bocage* — Folh. já citado, pág. 23.

(2) *História da Literatura Portuguesa* — Pôrto, 1927, pág. 274-5.

(3) Vid. o estudo «Bocage» no *Arquivo Histórico Português*, do erudito Henrique de Campos Ferreira Lima, in *Portucala*, n.º 15 (Maio-Junho), 1930.

situação desafogada e de lhe conquistarem um futuro. Impellido pelo desejo da popularidade e pela sedução da fama, vemo-lo, por 1783, abandonar a sua terra natal para ir cursar as aulas da Academia Real de Marinha, em Lisboa, onde permanece alguns anos:

«E o venerando Tejo sossegado,
A cuja fresca praia o trouxe o Fado.»

(Idílio XX).

até que por despacho régio e na vontade que mostrou em:

«Seguir de altos varões o ilustre exemplo;»

(Canção I).

era mandado na patente de Guarda-Marinha para a Índia. Efectivamente, a 4 de Abril de 1786, embarca na nau *Senhora da Vida* com destino a Goa,

«a climas, do meu clima tão remotos,»

(Son. XX, livro I e Epist. I).

e é com profunda mágoa que se despede da sua terra e dos seus:

«Eu me ausento de ti, meu pátrio Sado,»

(Son. XLII, livro I).

«Antiga pátria minha, e lar paterno,

.....

Adeus! Um vivo ardor de *nome e fama*
A nova região me atrai, me chama.»

(Canção I).

Já da amurada do navio, quando diz:

«Eu te levo, meu bem, no pensamento,»

(Ib.)

quando sente chegada a hora do *penoso apartamento*, dirige à namorada, lacrimosa, o adeus de despedida num transporte de amor comovente e delicado:

«Deixar, amado bem, teu rosto lindo,
Teus afagos deixar, tua candura,
Tanto me oprime, que da morte escura,
Sobre mim negras sombras vem caindo.

Eu parto, e vou teu nome repetindo
 Porque dê desafôgo à mágoa dura;
 Meus tristes ais, suspiros de amargura,
 Aquém dos mares ficarás ouvindo.»

(Son. CL, livro I).

Sumira-se de todo, na linha cinzenta do horizonte, a barra de Lisboa. Do convés da nau, contemplando agora o mar e o firmamento, era outro o cenário que se desenrolava aos seus olhos. Já não eram as ruas tristes e quási sem luz da *mal cheirosa* Lisboa, mas sim a superfície inquieta e rugosa do mar imenso onde se miravam os raios rubros do sol-nascente, numa apoteose de vida, ou os raios poentinos dum vermelho moribundo. A sua lira, longe da febre dos aplausos, perante a natureza, soube traduzir com sublimidade os mais belos sentimentos do coração humano. Era nesses momentos em que se encontrava a sós consigo e com os olhos postos num ideal superior, que Bocage saía de si mesmo e era verdadeiramente um poeta; «então se via, como escreve Garrett, a imensidade dessa grande alma, a fina têmpera dêsse raro engenho» (1). A nau em que navegava aporta ao Rio-de-Janeiro, pôrto de escala na sua viagem:

«Pus, finalmente, os pés onde murmura
 O plácido *Janeiro*.»

(Epíst. I).

e então o poeta, sorvendo a plenos pulmões o ar exuberante de luz e vida, e vendo que

«Jazia entre delícias a ternura,»

(Ib.)

dá asas ao seu temperamento volúvel e ao seu entusiasmo de amoroso incorrigível. Mostra-se, contudo, fiel à sua Gestrúria, amada que deixara na Pátria:

«Contemplando na idea o teu semblante,
 Pude evitar o escolho onde naufraga
 O coração mais livre e mais constante.»

(Ib.)

Pensa ficar no Brasil, nessa *província bela*, mas

«Surdo o Fado a meus ais, e a minhas mágoas,»

(Canção V).

«Às vastas ondas outra vêz me entrego.»

(Epíst. I).

(1) *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa* — Lx., 1904, pág. 37.

Prosegue, pois, a derrota, e, ao dobrar o Cabo das Tormentas ou da Boa-Esperança, sofre o assalto dum violento temporal, cujas vagas alterosas, ao som do vento irado, ora se erguiam, levando a nau a grande altura, ora se abaixavam, cavando profundos abismos. É com levíssimas tintas de artista consumado, que fazem lembrar as do nosso Épico, que Bocage,

«Escutando o furor, e o som violento,»

(Son. XVII, livro I).

«Ao som dos crespos, inquietos mares,»

(Canção V).

descreve a situação angustiosa da nau no meio desse combate entre a força dos elementos:

«O céu troveja, Eólo sibilante,
Ora aos abismos, ora aos astros leva
Entre as asas da morte o lenho errante:
Sôbre êle o mar violento a fúria ceva,
Rebentam cabos, não governa o leme,
Consternada celeuma ao ar se eleva.»

(Epíst. I).

Tendo diante de si a iminência do perigo, prevendo como os outros seus companheiros de viagem o naufrágio com todos os seus horrores, eleva as mais sentidas e fervorosas preces:

«Criador, que remiste a criatura,
Quebra o furor do tímido elemento.»

(Son. XIII, livro II).

«Oh Deus, oh rei do céu, do mar, da terra,
.....
.....
Faze, em sinal de próxima bonança,
Brilhar no etéreo tope o lume santo!»

(Son. VI, livro II).

E fôra ouvido. Chega finalmente a Goa,

«..... sepultura
Dos tristes, que não têm na pátria abrigo.»

(Epíst. I).

Aí, ralado o peito de acerbos saüdades, e vendo o descalabro do império do Oriente, que o leva a dizer:

«Por terra jaz o empório do Oriente,»

(Son. XII, livro III).

onde, a-par da grandeza ôca, enfatuada, caminhavam sem freio a devassidão e a luxúria, Bocage, sem compreender também que êsse estado dissolvente não era mais do que um reflexo dos males de que enfermava a sociedade que tinha deixado em Portugal, dirige os mais desmedidos e violentos sonetos, que eram verdadeiros epigramas, a essa cidade e aos seus naturais, a êsses *pardais castiços*, como lhes chama :

«Das terras a pior tu és, oh Goa,
Tu pareces mais êrmo, que cidade,
Mas alojas em ti maior vaidade
Que Londres, que Paris, ou que Lisboa:»

(Son. IV, livro IV).

«As cousas e os homens na Ásia, escreve Rebelo da Silva, assim como em Portugal, tinham perdido as proporções épicas. A vaidade das fidalguias, as conjurações das raças naturais, e a barbaridade literária de um verdadeiro bazar de mercadores e de pilotos, substituíam as virtudes, e os arrojos das grandes épocas da conquista» (1). Pelos seus ataques audazes, em que o poeta, tal como Camões nos *Disparates na Índia* (2), punha a descoberto, cauterizando, tanta vaidade e tanta mentira, resultou para si uma situação de-veras delicada, pois as pessoas atingidas não o poupariam a uma vingança certa e desejada. Êle mesmo escreve :

«Aqui vago em perpétuo labirinto,
Sempre em risco de ver maligno braço
No próprio sangue meu banhado, e tinto,»

(Epist. II).

D. Francisco da Cunha Menezes, ao tempo Governador Geral da Índia, sem dúvida para o livrar do ódio dos seus muitos inimigos, nomeou-o tenente de infantaria, para ir servir na praça de Damão, demorando-se aí apenas dois dias, ao fim dos quais fugia com outro oficial. Esteve em Surrate, onde manteve íntimas relações amorosas com a célebre Ana Jacques Monteigui, mulher devassa e sensual, de quem o poeta, queixando-se mais tarde,

«Teus mimos por mim só não são gozados!»

(Canção II).

podia dizer com Alfred de Musset :

«Je la nommai cent fois perfide et déloyale
Je comptai tous les maux qu'elle m'avait causés.»

(1) *Memória biográfica e literária acêrca de M. M. de B. du Bocage...* — Lx., 1909, pág. 17.

(2) *Obras de Luiz de Camões* — Visconde de Juromenha, já cit., vol. IV, pág. 43, e também *Antologia Portuguesa*, de Agostinho de Campos, *Camões Lírico*, vol. IV, pág. 221.

Não podendo suportar a formosura dessa mulher, que, a-pesar-de *pérfida e desleal*, ainda exercia uma grande influência sôbre o seu coração...

« Se a vejo repartir prazer, e agrado
Àquele, a êste, co'a fatal certeza
Fermenta o vil desejo envenenado; »

(Son. CXXXIV, livro I).

abandona Surrate. Vagando errante por *bárbaros sertões*, foi ter aos *mares da longínqua China*, a Macau. Através duma existência libertina e de miséria,

« Té dos mais desprezíveis, desprezado »

(Son. II, livro II).

como êle mesmo confessa, sentindo-se só, sem fé no futuro e com a alma sangrando lágrimas e dores,

« Aberto o peito, o coração rasgado,
Pelo agudo punhal do apartamento, »

(Son. XVII, livro I).

o pobre Bocage, à idea da morte, enviava o pensamento à Pátria distante, com mágoa de morrer longe dela :

« Da fagueira esperança abandonado,
Lassas as fôrças, pálido o semblante,
Sinto rasgar meu peito a cada instante
A mágoa de morrer expatriado. »

(Son. II, livro II).

Vendo na sua vida a repetição dos passos e das cenas que haviam ensombrado a vida de Camões, essa

« vida
Mais desgraçada que jamais se viu; » (1)

Vendo na sua via-dolorosa, buscando

« em vão o riso da Ventura
Por longas terras, por imensos mares, »

(Epist. III).

a imagem fiel da sorte do Épico, é com desvanecimento e tristeza que proclama :

« Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu Fado ao meu quando os cotejo ! »

(Son. LI, livro I).

(1) *Obras de Luiz de Camões*, já cit., son. CII.

Dir-se-ia, na verdade, que a Natureza, caprichosa, reservava para os dois a mesma página do livro insondável do Destino, pelas coincidências pasmosas, como observa Teófilo Braga, entre as várias circunstâncias materiais da sua vida e da de Camões (1). Se Camões viu queimar, como incautas borboletas, no fogo do seu temperamento viril e apaixonado e na luz fascinante do seu génio poético, as donzelas que escutavam atentas e desvanecidas as suas palavras de amor, Bocage nada lhe ficou a dever; é longa a série das suas conquistas amorosas, e as suas Marílias, Armias, Nizes, Jónias, Elmiras, e tantas outras, são astros que iluminam a lira bocageana. Ao verso do imortal cantor:

«De amor escrevo, de amor trato e vivo;» (2)

não deixava de corresponder estoutro, e com razão:

«Vivo de Amor, de Amor suspiro e canto,»

(Son. CXVII, livro I).

Se Camões, em Macau, se apaixonou pela gentil Dinamene, à morte de quem dedicou o conhecido soneto:

«Alma minha gentil, que te partiste,» (3)

e sofreu a tragédia do naufrágio quando se dirigia para Goa, na parte fronteira do golfo de Tonquim, o destino de Bocage até nisso se mostrou irmão, — que não era menor naufrágio o ver-se só, errando através das terras inhóspitas e desconhecidas e na contingência de ser devorado pelas fauces hiantes de alguma fera mais atrevida ou trucidado por algum bando de indígenas, guerreiros e salteadores.

«..... a fértil China,
Pelo seu pingue seio
Te viu com laço pé vagar mendigo;»

(Ode VIII).

«Por bárbaros sertões gemi vagante;»

(Son. XLVII, livro I).

Destinos irmãos e épocas históricas tão diferentes! «Filhos de dois períodos opostos, Camões e Bocage foram o que tinham de ser. O primeiro foi da era da aventura e da fôrça; o segundo foi da era da carolice ridícula, da hipocrisia e da libidinagem» (4).

(1) *Questões de Literatura e Arte Portuguesa* — Lx., 1881, pág. 365.

(2) *Obras de Luiz de Camões*, já cit., son. CII;

(3) *Obras de Luiz de Camões*, já cit., son. XIX.

(4) *Bocage*, Olavo Bilac, já cit., pág. 34.

Arrastando em Macau, como acima dissemos, uma existência verdadeiramente desregrada; entregando-se quasi sempre ao uso de bebidas alcoólicas e a excessos que lhe prejudicavam a saúde, já de si bem débil e fraca, Bocage suplica em versos de esperança, repassados de dor e melancolia, a certos poderosos para que intercedam pelo seu rápido regresso ao lar e à Pátria. Assim, com referência à senhora D. Maria de Saldanha Noronha e Menezes, o poeta dirigindo-se à musa, diz:

«Roga, roga-lhe emfim, que te destrua
As ânsias, os temores;
Que à pátria, ao próprio lar te restitua;»
(Ode V).

Agradece o valimento e protecção de Lázaro da Silva Ferreira, governador interino de Macau, a quem chama *varão sublime*, e canta:

«Pateros lares, que saúdoso anelo,
Sacros penates, que de longe adoro,
Suave asilo, que perdi vertendo
Lágrimas ternas:
Eu torno, eu torno por amor guiado,
Exposto à fúria dos tufões, dos mares:
Eu torno, eu torno para vós;...»
(Ode VII .

E tornava, de facto... pobre, desiludido, apenas com um tesouro a enriquecê-lo, escreve o Dr. Hernâni Cidade, — o tesouro, *descoberto*, da sua própria alma (1). Lisboa, que fôra outrora teatro das suas fantasias de poeta e de estroina, acolhia-o em Agôsto de 1790 com sorrisos prometedores e nela se lançou Bocage, cega e confiadamente, podendo ainda dizer com Camões:

«Mudando andei costume, terra, estado,
Para ver se mudava a sorte dura;» (2)

(Continua).

ALFREDO ALVES DA CRUZ.

(1) *Ensaio sôbre a crise mental do século XVIII* — Coimbra, 1929, pág. 150.

(2) *Obras de Luiz de Camões*, já cit., son. LXXXIX.

CLÁUDIO CARNEIRO

CLÁUDIO Carneiro nasceu no Pôrto, em 1895. A sua infância e juventude decorreram num lar idealmente propício à formação duma alma de artista. Herdeiro dum grande nome, cedo revelou a segunda condição da fidalguia: saber usá-lo. O casamento trouxe à sua família outra notável personalidade, a excelente violinista Katherine Kickel Carneiro.

Seu Pai trabalhava muito, mas expunha raramente. Assim também o músico pratica o silêncio fecundo. De vês em quando uma composição sai da obscuridade e faz uma carreira magnífica. Uma peça de juventude, enviada a Pierné, teve duas audições nos concertos Collonne em épocas seguidas. As obras apresentadas em concertos do Pôrto e de Lisboa têm sido revelações que vivem na memória de todos.

O público apenas conhece uma parte mínima da obra já extensa, escrita para piano, órgão, canto, instrumentos de arco e orquestra. Os caracteres mais evidentes do seu estilo são o gôsto, a simplicidade, o laconismo, a leveza da composição. Mas o traço na aparência tão ligeiro por ser fino, é incisivo e firme. A menor das suas melodias é cheia de substância. E tôdas nos falam de longes terras, dum país de sonho e de magia. Arabescos, mas sob a sua elegância há um estremecimento inconfundível, uma alma que vive e se ausculta e se comove e sofre. A nota dilacerante não falta e quando mais agudo se concentra o seu requinte, a voz do poeta perde-se num canto longínquo, no veio que nasce do coração do povo. Cláudio Carneiro não é modernista nem nacionalista: é moderno e é português.



CLÁUDIO CARNEIRO

por Henrique Medina.

CARLOS MANUEL RAMOS.

A FONTE DO DESERTO

UM dia (mal o tempo começava
A enlear-se no eterno, semelhando
Serpente de heras rasteirinhas quando
Se enleia ao roble, tortuosa e brava...)

Um dia, no Deserto em pó e em lava,
Moisés, a rocha aspérrima tocando,
Abriu-lhe o jôrro luminoso e brando
Que todo o povo hebreu dessedentava.

Eis eu pergunto: — Donde vinha a fonte?
De orvalhos matinais? raiz de monte?
Recessos do Dilúvio? — Não! Foi isto:

A fonte era o Milagre em prè-natura:
Já nela havia, — para a Dor Futura, —
Teu chôro e teu soluço, ó Mãe de Cristo!

A ESTRÊLA DO NATAL

EM Belém, certa noite, entre as estrêlas
Companheiras do mundo a tôda a hora,
Nova estrêla raiou... Ninguém, outrora,
Assim a vira andar no meio delas!

Pátria a mais bárbara, as Nações mais belas,
Chamou à Luz, subindo, céus em fora,
Qual sobe a Infanta aos Paços onde mora,
Com seu cortejo de aias e donzelas.

— Ó maga estrêla! místico arrebol!
Acaso és fogo, como o pobre sol
Que, pouco a pouco, se escurece e esfria?—

E a estrêla:— «Não! Sempre mais alta e ardente,
Eu sou, eu fui, serei eternamente
O Maternal Sorriso de Maria».

A «PRIMEIRA PEDRA»

A GORA, eis esta pedra... Donde vem?
 Que natureza, a do seu corpo estrito?
 Mármore? ançã? destrôço de aerólito?
 Gémea dos orbes, que milénios tem?

Sábios! olhai-a; perscrutai-a bem:
 E tudo fique ponderado e escrito.
 — Mede três palmos? — Falta o Infinito
 A que transcende, Eternidade além!

Fragão, — raiz de cêrro, — a abrir audácias
 De altos festões, acantos e rosáceas,
 Nimbos de incenso a perfumar os Céus...

— Bem dita sejas tu em reza e em trova,
 Primeira pedra de outra igreja nova
 Que Portucale erige à Mãe de Deus!

13 — Dezembro — 1938 — Belinho.

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA.

(Sôbre a primeira pedra do templo consagrado
 à Senhora da Conceição, na cidade do Pôrto).

ARNALDO RESSANO

E A SUA EXPOSIÇÃO EM PARIS

L'OEIL D'UN SAVANT: É sob esta epígrafe que *L'Echo de Paris* comentava a exposição de caricaturas que Arnaldo Ressano realizou na Primavera do ano de 1938, em Paris.

O que foi o sucesso causado no meio artístico, político e mundano de Paris é fácil avaliar, percorrendo os jornais e revistas francesas que à exposição se referiram.

De facto, a poucos caricaturistas de entre os que modernamente trabalham neste difícil ramo das Belas Artes, se poderá aplicar a epígrafe acima transcrita. *L'oeil d'un savant*, a visão de um sábio: sábio em fixar as expressões e características físicas da personalidade visada; notavelmente sábio de desenho.

A caricatura pessoal tem, em Arnaldo Ressano, o mais representativo Artista, que sabe aliar a uma singular observação um profundo conhecimento de desenho, surpreendente mesmo nesta época em que os trabalhos plásticos, se apresentam em grande parte falhos dos mais elementares conhecimentos de desenho. As caricaturas dêste Artista são tão notáveis como desenho, que conseguem suavisar qualquer irritabilidade provocada pela visão artística, muito especial de Ressano, transmitida com talento e *humor* ao papel.

A noção que êste Artista tem da caricatura pessoal é a deformação, pelo menos é o que depreendo dos trabalhos até agora



EDUARDO VIII

apreciados por mim. Noto uma quási obsessão em deformar as fisionomias, mas... caso estranho, tôdas as deformações estão certas. Os músculos estão todos no seu lugar, o retesamento ou o laxamento que acompanha as expressões, os movimentos, tudo está anatômicamente certo. Nada sai do seu lugar, por mais exagerado ou deformado que se nos afigure. A-pesar-de tôda a sua visão caricatural estar expressa na fisionomia, aparece amiüdadamente nas atitudes, nas expressões das mãos, a crítica incisiva, o espírito irónico, por vêzes amargo, que caracteriza êste Artista.



NÉGUS



MUSSOLINI

René Richard acentuara já, numa interessante crónica do *New York Herald Tribune* de Paris, que Arnaldo Ressano possui um extraordinário poder de transformação de imagens — o que êle vê passa por um estranho fenómeno de assimilação e de transformação. Ressano transmite-nos a personagem primitiva transformada, sem todavia deixar de ser a personalidade fixada.

Quem observe profundamente os trabalhos de Ressano descobrirá num ligeiro pormenor o retrato completo (físico e anímico) do retratado numa simples casaca..., na acentuada semelhança com uma ave ou insecto..., no sábio contôrno das mãos, na atitude

do corpo, está definida a criatura que despertou o lápis do Artista! Revela-nos os caricaturados tal-qual como êle os vê e... nós ao observarmos os trabalhos confirmamos a visão do Artista, assim afirmava C. Hessert na *La Revue Moderne*, que comparava o nosso Artista ao Mestre da sátira desenhada, o grande Léandre.

A exposição que Arnaldo Ressano realizou na Galeria de Paris transformou por dias aquela sala num microcosmo ou exposição de visão zoológica dos grandes do mundo, exposição que interessou a capital do Mundo Artístico — Paris. E interessar Paris,



ESTALINE



HITLER

conseguir que franceses em terras de França homenageiem um estranho comparando-o aos grandes da sua Terra, só o consegue quem tem de facto valor, talento, muito talento!

O caricaturista Arnaldo Ressano é um notável desenhador, que brilhantemente nos representou na Primavera dêste ano em terras de França!

Bem haja!

Outubro de 1938.

JULIETA FERRÃO.

CLAMOR DA TERRA

EXORTAÇÃO SIMBÓLICA LEGIONÁRIA

Ao Marqués de la Vega de Anzo

O. D. C.

PRELÚDIO

O «Clamor da Terra» foi imaginado propositadamente para uma única representação na linda e clara Vila-do-Conde, ao sol-pôr do dia 3 de Setembro de 1938, em favor do núcleo local da Legião Portuguesa.

Quis o Autor expressar o sentir de uma família portuguesa das terras bemditas do velho Condado Portucalense, e trabalhar as possibilidades da pequena teatradinha nos exíguos limites do seu elenco caseiro.

Pensada, redigida, decorada e ensaiada, esta obrinha, à sombra venerável dos robles multi-seculares de uma mata limiana — ao fundo da «carreira grande» — as poucas qualidades que possa encontrar-se-lhe, unicamente a êsse ambiente se devem.

Houve ralhos, houve berros e choros, risadas e alegria — trilos habituais dos lares cristãos familiares, diabretes caseiros de há muito domesticados...

Passaram-se, em família, umas horas felizes que não voltam — e só deixaram doce e terna saúde, sem amargor.

Dá-se seguidamente uma resenha abreviada da indumentária vestida nessa representação única:

MINHO: uma mulher portuguesa — indecifrável portanto sua elegância de maneiras, palaciana ou rústica — trajada à moda da freguesia de Taião, da comarca de Valença-do-Minho:

Na cabeça, sobre *peineta* de tartaruga, ao sabor espanhol, uma *bobinette* de renda branca, caída sobre os ombros e costas, deixando aparecer as pontas do nastro vermelho de atar o *pucho* do cabelo;

Camisa de linho branco, bordada, à «moda do Minho», diferenciando-se por pequena dobra larga de renda no pescoço;

Casaquinho preto, de mangas, bordado a vidrilhos, como é usança arcaica de toda a Província;

Saia de chita, de fundo branco e listas de florzinhas estampadas a côres, com duas barras estreitas de veludo preto;

A servir de avental, lenço de linho branco, de bainha e dizeres

a ponto-de-cruz em algodão vermelho, dobrado em triângulo, preso na cinta por duas pontas;

Meias brancas, de linho, de ponto aberto;

Chinelas de verniz preto;

Muito oiro;

Brincos pingentes.

LIMA: lavradôra de Santa Marta de Portuzelo (Viana-do-Castelo):

Fato vermelho;

Lenços de lã, em ramagens e franjas, estampados, na cabeça e busto;

Camisa de linho branco, bordada a azul nos ombros;

Colete de flanela, encarnado e preto, de flores coloridas, bordadas a matiz e missanga;

Saia vermelha, de lã caseira, às riscas pretas, verticais, de larga barra preta;

Algibeira das côres da saia, bordada a missangas;

Avental de lã caseira, às riscas vermelhas e pretas e larga barra de quadrângulos coloridos, em relêvo, de variados tons vivos;

Meias brancas de linho, de ponto aberto, e chinelas de verniz preto;

Muito oiro, pesado, antigo; cordões, feiras, contas, borboleta, relicário, coração, crucifixo, arrecadas e brincos de roca.

NEIVA: sargaceira do Castelo-do-Neiva:

Chapelinho de feltro preto de copa redonda e abas voltadas, tendo um espelhinho oval na frente;

Lenço *chinês* de lã, em ramagens, sôlto, preso só pelo chapéu;

Casaco comprido, de mangas, de branqueta, cintado e de muita roda, abotoado até ao pescoço, com colchetes e botões de osso cobertos a branqueta;

Pequena tira arrendada da camisa branca, a surgir acima da gola, sem dobra, do casaco;

Saia curta, lisa, de pregas largas, naturais, do mesmo tecido;
Descalça.

CÁVADO: moça ribeirinha do têrmo de Barcelos:

Na cabeça lenço de sêda antiga, de ramagens e franja, encarnado-vivo, desatado;

Camisa de linho branco, como as já descritas;

Colete de chita, em ramagens, com dois *rabinhos* a aparecer abaixo do casaquinho de pano preto lavrado, todo abotoado a botões pequenos de massa preta, baços, e muito bordado a vidrilhos e lentes-joulas côr de aço;

Saia de pano preto liso, com muita roda, sem ornatos;
 Avental de veludo preto, muito bordado a missanga, lentejoulas
 e vidrilhos, tudo preto e aço;
 Meias e chinelas já descritas;
 Muito ouro;
 Brincos semi-circulares, de recorte especial, dos ourives barcelenses.

AVE: rapariga maiata:
 Chapelinho de veludo e feltro, preto, ornado a flores, borla e fitas caídas, em cores berrantes;
Bobinette solta, presa pelo chapéu;
 Camisa de linho branco;
 Saia, avental e casaquinho pretos, lisos, sem ornatos;
 Lenço de seda, em ramagens alaranjadas, com franjas, traçado sobre o peito, preso atrás;
 Meias brancas e chinelas já apontadas;
 Muito ouro;
 Em evidência: grande coração e pesado grilhão torcido. (Repare-se na filigrana, ao aproximar do Pôrto e sua recentemente extinta Contrastaria de Gondomar, não esquecendo o primitivo fabrico da Póvoa-do-Lanhoso — e as clássicas, características contas lavradas, *lapidadas*, vianesas, enfiadas em linha de torçal vermelho, arrematada por borla).

LUSITO: farda própria da Mocidade Portuguesa, como descrita no *Diário do Governo* e bem conhecida.

INFANTA: da Mocidade Portuguesa Feminina, *idem, ibidem*.



DESEMPENHO EM 3-9-38

MINHO . . .	<i>Maria da Assunção de Sá Coutinho</i> (Aurora)
LIMA	<i>Maria Angelina de Sá Coutinho</i> (Aurora)
NEIVA . . .	<i>Maria Emília de Sá Coutinho</i> (Aurora)
CÁVADO . . .	<i>Maria José Teresa de Sá Coutinho</i> (Aurora)
AVE	<i>Maria Eugénia de Sá Coutinho</i> (Aurora)
UM LUSITO . .	<i>João de Sá Coutinho</i> (Aurora)
UMA INFANTA .	<i>Joana Maria de Sá Coutinho</i> (Aurora)



(Antes de subir o pano, entram pelos lados Lusito e Infanta, e, à bôca da cena, dizem:)

Senhoras : LUSITO

Senhores : INFANTA

LUSITO

O nosso Pai é quem fêz esta peça.

INFANTA

Peça, é como quem diz...

LUSITO

O nosso Pai é quem escreveu esta teatrada, a favor da Legião. Os cómicos somos nós, os Filhos do Autor, e como êle é da Legião...

INFANTA

O nosso Pai é legionário!

LUSITO

...vimos pedir-vos, respeitável público, tôda a vossa benevolência, e muitas palmas — não para nós nem para o Pai, mas para a Legião. Quanto à peça...

INFANTA

Peça, é como quem diz...

LUSITO

Quanto à comédia (está certo, Joanhinha?)

INFANTA

Não, ainda é pior!

LUSITO

Quanto à representação (dizendo *re-pre-sen-ta-ção*) não é preciso explicá-la: é como as fitas americanas, um todo incompreensível, fácil de perceber.

Senhoras:

INFANTA

Senhores:

AMBOS

Vai principiar!

(Sobe o pano estando em linha as cinco figuras vestidas cada uma à moda da sua ribeira respectiva; Lusito e Infanta afastam-se e aguardam aos lados).

MINHO

Ribeirinha do Minho eu sou, aportada às mansas águas azuladas que a Senhora da Peneda baptiza, crismadas pela Ilha dos Amores, casada com o Portugal Vélho, no altar da Raça, sob a luz do projector da gárgula da Matriz de Caminha.

Da raça das mulheres portuguesas, portuguesa eu sou, mulher e cristã, Barroã, meiga e luzidia — como a minha vaquinha.

Cabreira arisca e miúda, de cabeça altiva, como a vaca de Maria. Aportei um dia, na crista de uma vaga mediterrânea, vinda da Grécia

distante.

E presa ao encanto da terra e dos naturais, tive saudades da terra, desta terra, e, pelas saudades, cá fiquei para sempre — quero-lhe sempre, à minha terra, à minha gente, para sempre!

Fui castelã em Lapela e na Praça de Valença; lavradôra dos verdes milheirais de Monção ao Coura — fidalga e aldeã, não me distingo, não nos distinguem, dizem que é tudo distinção.

Veio o Almanzor — no seu cavalo branco de beber nas pias de água benta.

Depois os castelhanos — e até os franceses — mas nunca passaram — e foram-se. E eu, e nós, voltamos à terra.

Há pouco chegaram de Espanha aladas pombas brancas de amizade, feridas a vermelho — e sons de trovoadas. De novo o Almanzor montara o seu cavalo — a bêsta apocalíptica do Anti-Cristo...

Matam-se lá mulheres e crianças — queimam-se igrejas e conventos — mata-se, incendeia-se — tudo é rubro de sangue e clarões de incêndios.

Preguntei aos ecos da serra — à Senhora da Peneda, às pedras do Suajo — e ao azul celeste do meu espelho, águas do meu rio, perguntei à Terra, à Raça!...

LIMA

Também eu perguntei ao Anjo da Guarda e ao Santo António da Torre Vélha do meu toucador — águas do meu Lima baptizadas pelo castelo lindo do Lindoso, de que sou castelã.

Eram tintas a vermelho as folhinhas verde-negro dos raminhos de oliveira trazidos pelas pombinhas brancas...

(Pausa)

Nasci numa vila romana da beira do Lima. Ando com as vacas no pasto, sego a erva — e nos meus solares fio o linho e a lã, e mantenho aceso o fogo sagrado da lareira familiar. Sou a fidalga e a lavradôra — mãos de anéis, do fuso e da roca, da masseira e do cueiro, da foicinha, da roçadoira e do têrço.

Também eu há séculos vi chegar à minha linda Viana mareante, em altas embarcações, uma raça desconhecida, os mercadores. Gentes estranhas à nossa terra, ao nosso falar: burgueses, capitalistas — mas tão diferentes do brasileiro boa pessoa e esmoler da minha aldeia!...

Foram-se. Ouvi dizer que os transformara a máquina, o vapor, não sei que mais.

Voltei às minhas ovelhinhas — mas dos solares já se não ia guerrear à Índia — e ao crepitar da minha lareira já se não contavam glórias e feitos heróicos.

E quando chegaram as pombas mensageiras, sangrando, perguntei também, e clamei:

Bernardes, Frei Agostinho, Feijó!...

NEIVA

Conheci Nun'Álvares e Sá de Miranda.

E quando vieram agora as pombas brancas feridas de vermelho, rezei a Nun'Álvares — e perguntei-lhe, de joelhos!...

CÁVADO

Ó Alcaide de Faria que os novos cruzados de hoje copiam! Moscardós e Arandas — rèquétés e mouros a bater-se contra Moscou pela civilização ocidental que os cristianizou!

Afilhada de Nuno de Faria — filha maninha das rústicas ervinhas do alpino Gerez, castelã de Entre-Homem-e-Cávado, — da estirpe de Machados! — pastorinha das Terras-de-Bouro, fidalga do Pico-de-Regalados, oleira de Prado, rapsoda peregrina de S. Bento da Porta Aberta e de tódas as romarias do Alto-Minho, cristão e rupestre — capelinhas brancas, leiras de lima e rega, centeio e uveiras...

(Pausa)

Vim à feira quinzenal de Barcelos — vender o ouro, mercar umas tou-ras, visitar a parentela fidalga — e no rumorejar do mercado soube, pela tradição falada, novas de Castela. Coitadinhos!...

E frente ao solar dos Duques de Bragança — eu, Duquesa de Bragança e de Barcelos, ninfa do Cávado, Condessa do Neiva, linfa do Homem, nervo da Terra, sangue da Raça, em clamor perguntei ao Passado, ao Presente, ao Futuro, inquiri também, de joelhos, clamando!...

AVE

Eu sou a mulher do Ave, não tenho castelos, sou pequenina, até este lindo fortinho é de pouco antes do Marquês e dos franceses.

Mas tenho o Mar — o mar da Póvoa salga as minhas águas.

Mas tenho conventos e tenho igrejas.

E as veigas úberes, tenras de milho e gados e vinho afamado: celeiro, adega e dispensa do grande burgo da Virgem Santa Maria!
E tenho as rendas!

(Pausa)

Nada num convento, eu sou a rendilheira e a mãe do heróico pòveiro, assombro do mundo!... «Deus te guie», «Cego de Maio», «Senhora da Bonança», «Senhor dos Aflitos»...
E tenho as fábricas!

CÓRO DAS OUTRAS *(em ar de desprêzo)*

As fábricas...

AVE

Há tempos, por sôbre o aqueduto das freiras, voaram também pombas brancas, gotejando sangue — vindas do Oriente.
Perseguia-as a tempestade, o trovão, o relâmpago — a procela, o temporal!

LUSITO

Quem não fêz o Pai poeta...

AVE

Somos tôdas irmãs: Minho, Lima, Neiva, Cávado, Ave... As rendas de Vila-do-Conde são as de Viana; o verdasco das terras de Camilo é o sangue de Monção e Braga, da Barca e de Guimarães...

Tôdas irmãs...

Somos a mulher de Portugal, cristã e caseira — do castelo, do convento, da choupana!

Dantes tínhamos a justiça de El-Rei!

Tantos séculos... Nossos reis nos deram terras e castelos e conventos, e o Brasil e a África — e o Mar nossos reis no-lo deram também, oh! Pòveiros meus!

Mas depois, diz que os senhores Reis não mandavam já, era os Políticos — palavra grega, disse-me o Sôr Abade... Mas eu nasci também na Grécia e nunca lá ouvi falar nisso. Políticos... Há perigo? Oh! Irmãs, vamos aos Senhores Reis!

Preguntamos, MINHO

Rezamos, LIMA

E fomos ouvidas, NEIVA

(Nos bastidores um *bugle* da Legião toca a alvorada)

AVE

Já sabemos, porque os vimos marchar; abençoámo-los!
Demos-lhe o nosso coração,

Aos legionários! TÔDAS

(Voltadas para os legionários que estão nas primeiras filas do público)

MINHO

Ide escorraçar o Almanzor se éle patanhar a nossa sagrada fronteira!

LIMA

Defendei-nos do novo burguês capitalista, vestido de qualquer côr que seja, até de «rojo» Moscou!

NEIVA

Nova «Ala dos Namorados» — o meu Nun'Álvares Vos conduza!

CÁVADO

Actuais Alcaides de Faria!

Fiada em Vós regresso de novo às minhas feiras e às minhas serras!

AVE

Trazei-me outra vêz o tempo antigo, oh! legionários meus! Não tenho medo do mar salgado, azul — mas as minhas águas só ao Poente deixo tingir de vermelho!

Já não tenho receio — legionários! — tenho-Vos a Vós!
Cremos em Vós, legionários, nós tôdas!

(Pausa)

TÔDAS (*salmodiando*)

Bemdito e louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!
E a sua Virgem Mãe!

(Deitam braçadas de flores sôbre os legionários, e fazendo tôdas uma medida de côrte, e Lusito e Infanta a continência legionária, cai o pano lentamente).

FINIS
LAVS
DEO

CONDE DE AURORA.



A MULHER IMPERFEITA

NAQUELA tarde, após o jantar que se prolongara mais do que o permitia a actividade metódica de seu marido, Judite de Melo, franzindo muito os lindos e grandes olhos pisados, afirmou que não iria à *Exposição Colonial*:

— «Ai, hoje não, tem paciência: estou imensamente cansada, imensamente sensaborona!»

Manuel do Lago nem replicou, sorrindo. — Homem civilizado, sereno e trabalhador, resolvera não se preocupar com o temperamento ou os caprichos de mulher — mesmo que essa mulher tivesse de ser a sua. Estava por tudo. . .

Judite casara, depois dos trinta-e-sete anos, com êsse esplêndido rapaz, o mais inteligente e classificado que tinha obtido a formatura, nesses últimos tempos, em Medicina — o que não o tinha impedido também de viajar pela Europa, tendo guardado uma indelével e grata impressão da sua passagem através de Berlim.

Era, portanto, metódico.

— A própria Medicina, que o tinha absorvido como ciência, não o preocupava como rendosa profissão, cujo primeiro pôsto de luta se conquista galhardamente: queria ser um investigador profundo, jamais se regozijaria com as brilhantes e quotidianas vitórias de um médico de grande nomeada.

Entendia a Vida com raciocínio e, porventura, com princípios de higiene mental.

Por êsse motivo, pensou em casar-se. E casou-se, naturalmente, sem demoras e sem cálculos, correctamente, quási sem paixão nem interêsse.

Quási sem paixão, é certo; mas profundamente impressionado.

Interessara-lhe a admirável figura esguia e bem lançada, a pele ardente com seu quê de bronzeado e misterioso, dessa famosa Judite de Melo que êle admirava, serenamente, desde os seus tempos da Politécnica e do ano amargurado em que os estudantes da sua Faculdade tiram a cadeira trabalhosa de Anatomia.

Assim Manuel do Lago amou, casou e possuiu essa interessante mulher que, no ano da Graça de 1934 e na Capital do Norte, afirmava tão dengosamente que não podia acompanhá-lo à *Exposição Colonial*.

Com essa atrevida ingenuidade, própria das garotas, Maria Alice observou, mas corando um pouco — talvez por ainda se estar num daqueles ardentes princípios de noite, em Setembro;

— «A tia Judite fará o que entender; mas não sei se se lembra que hoje é a conferência do Frederico...»

Impassível de audaciosa serenidade, a mulher, a quem Maria Alice dava êste respeitoso tratamento, replicou, sem que um músculo da sua bela face bourbónica, ou os seus lábios de italiana viciosa, traíssem a menor perturbação:

— «Tens razão, *Milly*. Eu ando com a minha pobre cabeça tão estonteada que me esqueço dos melhores amigos. Vamo-nos arranjar...»

E, depois de ter beijado o marido na testa, pousou demoradamente os lábios no rosto da pequena — por quem tinha uma profunda afeição, talvez num impulso do único sentimento nobre da sua existência de perversa irresponsável.



Quando chegaram à *Sala das Conferências*, no «Palácio das Colónias», já Frederico de Castro encetara a sua anunciada palestra, a-propósito de assuntos africanos.

O motivo, manifestamente árido para ouvidos femininos, prendera imediatamente os olhares intensos dessas duas mulheres da mesma família, idênticas no perfil e na figura, diversas na idade e nos sentimentos, nas próprias heranças que as separavam. Manuel do Lago dormitava serenamente: jamais se preocupara com *solípedes* e, a-propósito da Ocupação Colonial Portuguesa, tinha uma opinião muito sua, profundamente pacifista...

Tolerava Frederico de Castro, como sendo um rapaz educado — uma pessoa «bem», conforme se dizia, então, em Lisboa e no Estoril — emfim um discreto rapaz que lhe fôra apresentado por sua mulher, como um vêlho e bom amigo.

Por isso êle viera à Conferência...

Judite, enquanto êsse delicado companheiro da sua mocidade apresentava, com a mais eloqüente singeleza, as suas considerações flagrantes de antigo oficial que se batera em Moçambique, num dos instantes mais desairosos da nossa intervenção na guerra, pensava em tudo o que dizia respeito a Frederico e ao seu passado — menos na passagem do Róvuma.

Cismava no que teria sido, porventura, a sorte dos dois se — em vêz de ter encontrado nêle um iniciador completo das suas curiosidades intensas de semi-*virgem* inteligente, em 1917 — Frederico tivesse querido ser antes seu marido... no lugar dêsse, tão bom e tolerante, que dormitava a seu lado.

Pobre Judite! — O seu olhar negro e perigoso que dominava um nariz manifestamente judaico, algo diferente da linda expressão aquilina e aristocrática de Maria Alice, não procurava nem tampouco ia chamando em seu auxílio as ideas, para cismar na forma porque êsse rapaz de olhos de aço,

com uns traços esverdeados que a desnorteavam, ganhara a brilhante condecoração da Grande Guerra, único ornato simples da sua casaca elegante.

Cismava, apenas, em certos detalhes da sua mocidade confusa — da qual, como galante mulher moderna, lhe não convinha lembrar-se — e na razão porque êsse homem lhe não aparecera mais vêzes, não tornando a ser mais ousado com ela.

Por Deus! — Ela era bem mais velha do que Maria Alice; mas ainda sentia muitos olhares postos em si — por exemplo, o daquele rapaz esgrouviado e interessante que tinha falado com Frederico antes da Conferência, num ar de intimidade sincera, e que estava com desejo manifesto de lhe ser apresentado. . .

A sua carne pálida, de semi-loira ardente, cobiçada por aquêlê matulão com tez de árabe ou de cabo-verdeano, sentiu um ligeiro e estranho arrepio; mas seu marido ia acordando, após um leve torpor. Seria ocasião de lhe sorrir, porque êle olhava embevecido para ela.

Judite de Melo, a-pesar-de viciosa e estragada por uma ancestralidade horrível — era uma descendente de sifilíticos e de alcoólicos e que já se encontrava, por exemplo, na fase alarmante de não poder tocar em vinho! — e de ter sido educada por mestras estrangeiras, papagueando melhor as línguas estranhas do que a sua própria, tinha esta vantagem que só podem possuir as mulheres verdadeiramente belas, que a tal sejam convencidas desde a sua mais remota juventude: não correspondia prontamente aos galanteios e, por mais excitada que estivesse, chocava-a brutalmente a insistência de certos homens, embora a do mestiço lhe não parecesse incorrecta. . .

Mas desviou, no entanto, a atenção — e pensava em certas expressões, bem remotas, da bôca de Frederico e na sua dentição magnífica, no momento em que sorria, muito sinceramente enlevada, para a sua querida *Milly*, cujo desabrochar de inteligência e de nervos a inquietava e também a fazia pensar enternecidamente.

¿Dar-se-ia o caso de que Maria Alice, a filha da sua prima tão correcta e inteligente, gostasse também de Frederico de Melo?

Oh!, êles eram dignos um do outro e Judite, que não hesitaria — sem compromisso, é claro — em enganar duas ou três vêzes o seu marido excelente, se tal fôsse preciso, por forma alguma se atravessaria diante dessa nobre e linda pequena, a quem adorava com uma ternura quási maternal — para não dizer animal. . . — numa afeição que lhe fazia duvidar da própria distinção do sexo.

A filha do banqueiro, embora descendente de fidalgos, mas com uma ascendência confusa e deshonrada por variadas intervenções de mercadores, admirava na prima essa inteireza de princípios, essa triunfante serenidade e modéstia que só poderia obter-se ao fim duma larga e resignada geração de pensadores ou de soldados, homens de bom saber ou combatentes, que

mantêm no temperamento ou no pensar dos seus, o altíssimo gôsto do sacrifício, bem como o secreto apanágio de escolher a conduta mais certa na vida.

Com tôdas as suas imperfeições e vaidades irremediáveis, a transviada mulher de Manuel do Lago manteria sempre intangível a sua mal orientada inteligência.

Achava, por êsse motivo, que Maria Alice poderia, muito melhor do que ela, completar a existência dêsse homem, engenheiro distinto e militar valoroso, em cujas veias ardia o sangue — o tal sangue que ela admirava mas que, pobre estrangeirada, jamais poderia sentir vibrar em si! — de Duarte de Castro, um dos companheiros do Prior do Crato em 1580, batendo-se denodadamente num dos pontos sobranceiros à ponte de Alcântara.

Recordava-se perfeitamente de ter escutado a narração dêsse episódio — havia dezassete anos! — a um vêlho parente de sua Mãe, aparentado portanto com Maria Alice.

Mas a diferença de idades?!...

Oh!, mas uns seus primeiros *flirts*, com quem passara os seus *good times* — para não dizer as suas iniciações de amor — logo a seguir a Frederico e muito antes de se casar, fôra um dos mais vêlhos e interessantes amigos de seu Pai...

Bem sabia a transviada Judite que, tanto Maria Alice como o seu amigo, eram espíritos muito rígidos — e Deus a livrara de que a pequena desconfiasse das suas antigas relações!

Mas era preciso tornar aquêles dois seres felizes e deixar-lhe, a ela, a obra de realização da ventura infinita adentro da sua irresistível imperfeição.



O mestiço fidalgo, que não tinha tirado os olhos dela, veio, no fim da palestra, cumprimentar Frederico — e êste, pedindo imensa desculpa aos amigos e mostrando muita pena pelo aborrecimento que, de-certo, causara à pobre Maria Alice, apresentou a Judite e ao marido o seu vêlho companheiro de Liceu e Politécnica, D. Carlos Manuel de Noronha.

As fadigas do engenheiro, cansado pelas emoções da Conferência e agradecido ao interêsse manifesto e ingênuo de Maria Alice — que, sendo filha e descendente de soldados, sentia aquela irresistível tendência pelas cousas militares e coloniais, tão fácil de encontrar em mulheres portuguesas — obrigaram-no a ser lisongeiro demais com êsse inteligente rapaz de poucos escrúpulos, detestável estudante e perigoso camarada, a quem êle, generosamente, dava o nome de amigo.

Por isso não se importou com o olhar cobiçoso e inquietante com que

êsse aristocrata, de confusa ancestralidade, se dirigia à desorientada Judite de Melo — que não passava, a-pesar-das suas tendências modernistas, duma provinciana educada por mestras estrangeiras, a quem um nome fidalgo, uma personalidade educada no meio lisboeta, arrebatavam por completo.

O marido não devia ter o mais pequeno glóbulo de sangue árabe — portanto, não era ciumento — e Frederico vivia para os olhos e o sorriso maravilhoso da garota. De maneira que o perverso D. Carlos de Noronha se pôde abalançar à conquista da inquieta e curiosa mulher, junto de quem terminou essa visita à Exposição Colonial.

Maria Alice mostrou um empenho intenso de ver a *Sala Militar*, aonde a sentinela de raça landim, imóvel e de olhos rutilantes, prestava guarda de honra aos canhões de Marracuene, às armas da raça vencedora e à espada de Mousinho — cuja máscara, serena e quasi sorrindo na Morte, impressionou duma forma singular essa linda rapariga:

— «Como é que se pode acreditar que este homem esteja assim tão sereno, depois de se ter suicidado?»

Frederico achou muito curiosa esta observação, feita por um espírito feminino e ainda tão moço. Entretanto Judite — com a mesma expressão dos lindos olhos cansados que demonstrara ao jantar — queixou-se muito do calor. . .

Se fôsem um pouco até lá fora, não seria tão bom?

Frederico só então reparou naquele gesto que lhe recordava certos momentos de outrora — e pensou como tinha sido imprudente em não resguardar melhor os direitos de Manuel do Lago, que ele tão cavalheirosamente soubera respeitar.

De resto, este calmo pensador acompanhava os dois pares com o meio sorriso indiferente, peculiar a certas almas cultas, e que recorda sempre estes dois versos, tão flagrantes, dos *Lusíadas*:

«Ditosa condição, ditosa gente
Que não são de ciúmes ofendidos!»

Maria Alice escutava, imensamente presa nas palavras de Frederico, a explicação das alegorias colocadas no soco do Monumento ao Esforço Colonizador Português, de Alberto Ponce de Castro — enquanto a excitada Judite propunha, estouvadamente, uma digressão através dos modernos encantos do *Luna Park*.

— Ah!, era tão bom. . . Não queriam?!

Manuel do Lago, aquiescente e calmo, sorria dos estranhos caprichos dessa galante mulher que lhe tinha cabido em sorte; a rapariga confessava-se muito cansada — e Frederico de Castro, constrangido por o seu laço branco de conferente emergir através da gola semi-erguida da *gabardine*, farejando também um sujo drama de sentidos, estava muito mais interessado na boa

companhia serena de Maria Alice, não querendo também dar-se em espectáculo ao público.

— «Pois então, meu amigo — disse ela muito affectuosamente ao marido —, tem paciência e fica a tomar conta nos *meninos!*»

E, fazendo um alegre aceno de camaradagem ao seu bom companheiro Frederico, desapareceu entre a multidão, enquanto D. Carlos, muito discretamente, reservava dois lugares no *Combóio Fantasma...*



— «É por isso mesmo que nunca pensei em casar-me... Procurei acima de tudo e através da vida, um temperamento de mulher, uma grande amiga e confidente, com quem me pudesse entender e para quem não houvesse segredos...»

— «Foi então somente agora que apareceu essa *mulher perfeita*, como disse... como disseste há pouco?»

— «Só agora, isto é, desde que o Frederico nos apresentou... ainda não há quinze dias!»

— «Mas que perfeição encontras numa mulher tão imperfeita como eu sou?!»

O engenheiro não teve grande custo em entender as vozes de Judite e de Carlos de Noronha — com quem elle, tão desastradamente para Manuel do Lago, a pusera em contacto; mas não se alterou. Noutra qualquer ocasião, o seu orgulho ou o seu temperamento de homem poderiam sangrar, por essa preferência, que a sua antiga discípula de *surprises de sens* ou de *good times*, dera a êsse mestiço ousado e sem escrúpulos.

Se ainda, havia dois meses, no baile em que se tinha inaugurado a Exposição, ela lhe dera tão ardentes esperanças! Porém, nessa altura, ainda não entendera o merecimento de Maria Alice, a quem deixara na iluminada Sala, como boa fidalga provinciana que não conhecia êsse hábito, trazido ao Pôrto com as modas e as mestras protestantes, de «ir para as escadas» conversar com os rapazes.

Ali, a dois passos do baile do *Congresso Militar Colonial*, não havia escadas: havia jardins — cousa bem mais encantadora e muito mais perigosa. E, ao mesmo tempo, o seu amor próprio de oficial que se batera nas Colónias irritava-se — porque êsse idílio, da mulher moderna com o mulato, podia ser observado pelos negros não adormecidos por completo, ainda estonteados pelos ecos do *jazz*, o esplendor radiante das luzes.

Decididamente, essa judia, atravessada por sangue italiano e holandês, não tinha a mais reduzida noção de vergonha. Com os prêtos ali a dois passos!...

E vinham, à sua imaginação febril de soldado africano, descendente de homens que tinham lutado em Arzila e em Diu contra os mouros, em Alcântara e no Ameixial contra os espanhóis, impulsos dêste vèlho brio de raça que paixão alguma faz esquecer nos portugueses de bom temperamento.

Chegaria, talvez, a sentir-se ridículo de ciúme inferior e animal, se a imagem doce de Maria Alice não o ajudasse a vencer, por completo e salutarmente, as intenções.

A *Mulher Imperfeita* com as suas tentações perversas, era repelida por uma interessante rapariga com muito pouco mais de vinte anos; mas êle estaria sonhando, seria porventura um vèlho tonto pelos encantos duma pequena — êle que fôra o iniciador e o melhor mestre de vício dessa mesma Judite de Melo, espôsa do pobre e sereno Manuel do Lago que, estava, como bom papá, acompanhando Maria Alice, enquanto a mulher, transviada e feliz, devaneava pelos jardins do Palácio?...

O Acaso — êsse grande amigo dos que aprendem a conhecer as nojentas surpresas da Vida, através das sombras da Noite — encarregou-se de lhe responder.

Judite murmurava, após um suspiro longo, daquela forma inquieta e perturbadora que êle conhecia tão bem:

— «E agora, ainda duvidas que eu tenha de cor o teu soneto?»

— «Não; mas êle é que não é digno de ser elogiado pela tua linda boca...»

— «...Que tu maltrataste há pouco, mas duma forma tão boa para mim. Queres tu saber como ainda o sei... e como me julgo ainda tão indigna das palavras que me dirigiste? Hei de guardá-las sempre na minha alma, como recordação dêste momento que é o melhor da minha vida, dêste segrêdo que não é só meu... porque é só de nós dois!»

Frederico, receoso de que os movimentos que fizesse ao retirar-se dêsse recanto, aonde viera acabar um cigarro inglês, e em que o vicioso par, inconsciente, viera ao seu encontro, lhes chamasse a atenção — viu-se forçado a escutar ainda mais frases e êste soneto, proferido por essa mulher estranha que nascera para figurar num tablado:

Sempre em primeiro prémio de Beleza
Seu corpo lindo, a um tempo grande e leve,
Faz-me lembrar a frase portuguesa
«Ditosa Pátria que tal filha teve:»

E o ardente perfil de *Dogarezza*
— Cabelo d'oiro em testa côr de neve —
Evoca-me os prodígios de Veneza
No esplendor que à Renascença deve.

Quem dêsse olhar se torne prisioneiro,
Do seu amor logrando a alta ventura,
Pode amargar o triunfo altaneiro

Numa existência cheia de tortura,
Abençoando o grato cativo
Dessa constante e doce escravatura!

— «Realmente — pensava Frederico de Castro, depois de a ter ouvido — êste mulato conseguiu exceder-se a êle próprio. E o soneto é dele, não foi roubado!»

Pensava na habilidade estranha de certos aventureiros de raça levantina ou grega, especializados há longos séculos nessa arte — ao mesmo tempo complicada e fácil — de procurar subtilezas intelectuais, satisfazendo exigências de temperamentos femininos.

Já se ia enojando, pouco interessado por semelhante episódio que, de-resto, não o surpreendia na personalidade imoral da sua vèlha amiga Judite. Mas, o facto de ouvir pronunciar o seu nome por êsse par que se ia afastando chamou-lhe, felizmente, a excitada atenção.

— «O quê... traição ao Frederico?... Oh! amor, tu não o conheces bem! Êle é um grande amigo e... essa afeição foi sempre espiritual. De-resto, se o não fôsse e se uma sombra de qualquer despeito existisse entre nós dois, êle devia sentir-se altamente recompensado...»

— «Porquê?!...»

— «Porque a Maria Alice gosta dele e à Maria Alice é que êle deve pertencer. Oh!, não te rias! Pela diferença de idades? Pois tu não pensas que isso me passou pela idea?! Simplesmente eu, que sou doidamente amiga dela, estudei o melhor que pude o que se tem passado naquela almazinha e estou convencidíssima desta afirmação que te faço... E êle, por sua parte, é bem digno dela — muito mais digno de ser feliz com ela do que com uma mulher imperfeita como eu sou!»

— «E por te julgares indigna dele é que tu me queres, não é assim?» — Indagou o sedutor, numa velada expressão de voz que intentava ser cheia de ironia.

— «Não, meu amor, é porque te quero muito, é porque te quero como ainda não quis a homem nenhum!»

O rumor dum beijo esvoaçou de lábios para lábios, selando um ardente pacto de sentidos entre a carne dessa mulher sem nacionalidade e o fidalgo de sangue negro.

Mas o antigo oficial ligou-lhe tanta importância como ao perpassar duma bala perdida, no ardor dum combate: apenas se preocupara com o facto de ter, inesperadamente, adquirido uma evidente certeza — e essa era a de sentir-se amado por Maria Alice.

Quási se sentia grato ao coração infame de Judite de Melo, que só tivera essa verdadeira afeição na vida!

Da mesma forma que, no momento preparatório do seu baptismo de fogo nas margens do rio africano, o antigo tenente de Engenharia tinha revivido instantâneamente—com essa presciência quási sobrenatural de quem arrisca a vida por um motivo superior—os menores instantes da sua existência, também Frederico cismava agora no que tinha sido a parte repugnante da sua existência com Judite de Castro.

Tivera a fortuna de avançar, galhardamente vencendo a Morte, cêrca de vinte anos antes, e agora estava certo de triunfar, serenamente encarando a promessa de Vida que lhe parecia encarnada, como transcendente recompensa, na deliciosa expressão de olhar e no sorriso imaterialmente belo com que Maria Alice o aguardava, lembrando uma indulgente rainha que entende e perdoa a demora involuntária dum súbdito fiel.

FRANCISCO PEREIRA DE SEQUEIRA.



CARICATURISTAS PORTUGUESES

VIII

FRANCISCO TEIXEIRA

Não teve Francisco Teixeira mestres, nem frequentou escolas da especialidade, que o habilitassem a praticar o desenho, mas a sua vocação individual levou-o a criar uma personalidade interessante, de entre os nossos cultores do humorismo.

Na sua forma definitiva de desenhar, em traço forte, seguro e geralmente sem meias tintas, há como que o reflexo das características panorâmicas da província em que nasceu, embora cedo a abandonasse para se fixar na Capital.

Homem de espírito requintado, estimou o convívio dos melhores Artistas da sua época e dessa fase existe, como proveitosa recordação, o retrato por Columbano, hoje na galeria particular do capitalista Sr. Henrique Monteiro de Mendonça.

Homem de sociedade, deve-se-lhe o êxito de algumas iniciativas de desporto elegante, sobretudo de equitação.

Tentou levemente a pintura. Em cenografia deixou o pano de boca do teatro de Mirandela, reproduzindo um aspecto da vila em 1870 e recorda-nos de ter delineado os figurinos para determinada peça com que o então Teatro Príncipe Real, de Lisboa, abriu a época de 1904-1905.



FRANCISCO TEIXEIRA
(Auto-caricatura *)

(*) Reprod. da *Ilustração Portuguesa* — 2.^a série, 12.^o vol. — Lisboa, 2.^o semestre de 1911.

Enviou vários desenhos para a imprensa brasileira, mas não nos foi possível conhecê-los.

Pouco tempo após o seu desaparecimento prematuro, alguém anunciou uma exposição da obra que Francisco Teixeira deixara dispersa e inédita, mas esse simpático propósito não se converteu em realidade, como também, infelizmente, jamais se publicaram os álbuns anunciados com os títulos *Conjugo Vobis e Deus Guarde a V. Ex.^a*, com a parte literária a cargo do Sr. Dr. Joaquim Madureira.



FRANCISCO TEIXEIRA (Francisco Luiz Teixeira) nasceu em Mirandela a 27 de Julho de 1865 e faleceu em Lisboa em igual dia de 1911.

Funcionário das alfândegas, sendo, à data do seu falecimento, segundo aspirante, na inactividade temporária.

Director artístico de:

Ilustração Portuguesa — 2.^a série, 3.^o a 11.^o vols. — Lisboa, 1.^o semestre de 1907 a 1.^o semestre de 1911.

Colaborador artístico de:

O Século — *Suplemento Humorístico* — Lisboa, 1899 a 1907.

A Comédia Portuguesa — Lisboa, 1902.

Paródia — Lisboa, 1907.

Tiro e Sport — Lisboa, 1910.

No diário *Novidades* manteve, desde os fins de 1905, e durante largo período, a secção «Na Berlinda», notável série de caricaturas pessoais.

Com Celso Hermínio ilustrou *Livro Proibido*, de Fialho de Almeida, Abúndio Gomes (Henrique de Vasconcelos) e Manuel Penteado — Lisboa, 1904 e há vários desenhos seus em *Impressões de teatro*, de Joaquim Madureira (Braz Burity) — Lisboa, 1905 e no *Almanaque Ilustrado de O Dia*, para 1905.

É autor do *ex-libris* de Vasco Semedo.

Concorreu à I Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, em 1901.

IX

SEBASTIÃO SANHUDO

Foi no Pôrto que Sebastião Sanhudo exerceu, a-par da sua actividade como litógrafo, uma acção sadia de caricaturista. Trabalhou num campo popular, completamente arredado de quaisquer preocupações de mérito elevado.

A crítica do seu lápis era chã, mas graciosa e a ela correspondia um acolhimento festivo por banda dum público facilmente conquistado.

Não há em tôda a longa série das suas crónicas ilustradas, qualquer traço de combate violento, dir-se-ia antes que se limitavam a reproduzir amenas cavaqueiras entre amigos. Assim nos deixam antever a índole bondosa, despreocupada e cheia de bonomia do Artista.

Percorrer agora as centenas de páginas que Sanhudo desenhou em tantos anos de labor, é ter a certeza duma agradável impressão, ao mesmo tempo que nos proporcionam elementos de análise duma época de tranquilidade e pitoresco.



SEBASTIÃO SANHUDO
(Auto-caricatura *)

SEBASTIÃO SANHUDO (Sebastião de Sousa Sanhudo) nasceu em Ponte-do-Lima a 26 de Fevereiro de 1851 e faleceu no Pôrto a 17 de Agôsto de 1901.

Freqüentou a Academia Portuense de Belas Artes, concorrendo à 11.^a Exposição trienal, em 1874.

Director artístico de:

O Pai Paulino — Pôrto, 1877-1878.

O Sorvete — Pôrto, 1878 a 1888 e 1898 a 1900.

Piparotes — Pôrto, 1889.

(*) Reprod. de *Atmanaque do Sorvete* para 1884.

Colaborador artístico de:

Lágrimas e Conforto — (Número único) — Pôrto, 1892.
Charitas — (Número único) — Ponte-do-Lima, 1892.

Correspondente artístico, no Pôrto, de *A Corja!* — Lisboa, 1898.

Ilustrou *Almanaque de Caricaturas Pai Paulino* — Pôrto, 1878; *Les Lusiades Travesties. Parodie en vers burlesques, grotesques et sérieux. Voyage maritime et pédestre du grrrand portugais Vasco da Gama*, par J. R. M. Scarron II — Pôrto, 1883; *Almanaque do Sorvete. Procissão de Celebridades Portuenses* — Pôrto, 1884.

Em publicação póstuma houve *O Cosmorama. Almanaque do Sorvete para 1902* e os desenhos que se vêem em *Portugal Artístico* — Pôrto, 1905.

ALBERTO MEIRA,



MARQUES ABREU

OFICINAS DE FOTOGRAVURA



Avenida Rodrigues de Freitas, 310

PÔRTO

CASA FUNDADA EM 1900



Pela magnífica instalação destas oficinas, pelo moderno e aperfeiçoadíssimo material adquirido e ainda pela larga escala em que se trabalha, são as que melhor podem servir o público com

R A P I D E Z,

PERFEIÇÃO

E ECONOMIA



AUGUSTO

GOMES

Preço 5 escudos